

Camila Parducci Arruda

INFERTILIDADE MASCULINA - UMA ANÁLISE SIMBÓLICA.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

São Paulo

Junho de 2011

Camila Parducci Arruda

INFERTILIDADE MASCULINA - UMA ANÁLISE SIMBÓLICA.

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Thereza de
Alencar Lima.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

São Paulo

Junho de 2011

AGRADECIMENTOS

À meus pais, Luiz e Lúcia, por sempre acreditarem em mim e apoiarem minhas decisões e sonhos.

À meus Tios, Luiz e Terezinha, por me ensinarem que os sonhos podem se tornar realidade.

Ao Raul, pelo carinho, pela ajuda e paciência durante esta fase da minha vida.

À Christina Neder, amiga muito generosa, que tornou esta pesquisa possível por me ajudar na busca dos participantes.

Ao casal participante, por dividirem um pouco de suas vidas comigo e permitir que esta pesquisa se tornasse realidade. Especialmente, à Marcos, pela disposição e por permitir que eu entrasse em sua intimidade.

E principalmente, agradeço à Teca, minha orientadora e parceira neste processo da minha vida. Muito obrigada por permitir que este trabalho brotasse em mim de forma tão natural, e ganhasse vida.

Muito obrigada.

Qual é esse processo do espírito e da semente, cheio de fé, que toca o solo nu e o torna rico de novo? Não tenho a resposta completa. Só sei o seguinte: aquilo a que dedicamos nossos dias pode ser o mínimo do que fazemos, se não compreendermos também que algo espera que a gente abra espaço para ele, algo que paira perto de nós, algo que ama, e que espera que o terreno seja preparado para que ele possa se revelar.

Estou certa de que, enquanto estivermos aos cuidados dessa força de fé, aquilo que pareceu morto não estará morto, aquilo que pareceu perdido também não estará mais perdido, aquilo que alguns alegaram ser impossível tornou-se nitidamente possível, e a terra que está sem cultivo esta apenas descansando – descansando à espera de que a semente venturosa chegue com o vento, com todas as bênção de Deus.

E ela chegará.

Clarisse Pinkola Estés

Camila Parducci Arruda

A infertilidade masculina: uma análise simbólica, 2011

Orientadora : Profa. Dra. Maria Thereza de Alencar

RESUMO

A Organização Mundial de Saúde estima que entre a população mundial, um a cada dez casais sejam inférteis (WHO, 2003). Pesquisas atuais apontam que o impacto do diagnóstico é maior para o casal quando a infertilidade é referida ao homem. Esta pesquisa qualitativa, orientada pelo referencial da psicologia analítica, buscou compreender simbolicamente a infertilidade masculina. Para tanto, foi realizado um encontro com um casal em processo psicodiagnóstico para fertilização assistida, ao qual foi solicitada a construção da Linha do Tempo, a fim de possibilitar a extensão da análise e compreensão mais ampla do processo vivido. Ao homem deste casal, foram também solicitadas produções expressivas (desenho da árvore, temático e livre), posteriormente analisadas através da técnica de amplificação simbólica baseada em autores como Gregg M. Furth (2004) e Odette Van Kolck (1984). Ao que se refere à masculinidade, pôde-se observar o conflito vivido entre o moderno (ser um homem sensível, acolhedor e carinhoso) e o arcaico (ser um homem de poder e sucesso). A infertilidade significada como *vazio* e *buraco* traduz a força de um ideal a ser alcançado, um papel de homem hegemônico, a paternidade biológica entendida como porto seguro desta possibilidade de realização. Traduz também todas as virtualidades, as potencialidades daquilo que o preencheria ou que passaria por sua abertura. Relaciona-se com a espera, o novo, o desconhecido, a súbita revelação de uma presença, a fertilidade.

PALVRAS-CHAVE: Infertilidade masculina, Paternidade, Psicologia analítica, Símbolo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A DOENÇA COMO SÍMBOLO	19
3 A TRAJETÓRIA DO PAI	25
4 MÉTODO	33
4.1 Procedimento	33
4.2 Instrumentos	34
4.3 Aplicação e Avaliação	36
5 ANÁLISE E RESULTADOS	39
6 DISCUSSÃO	52
REFERÊNCIAS	58
ANEXO	61
Anexo A – LINHA DO TEMPO	62
Anexo B – DESENHO LIVRE	65
Anexo C – DESENHO DA ÁRVORE	66
Anexo D – DESENHO TEMÁTICO	67

1 INTRODUÇÃO

Em acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO, 1992) a infertilidade é clinicamente definida quando, após um ano de vida sexual contínua do casal sem o uso de métodos contraceptivos, a concepção não acontece. A incidência de infertilidade conjugal varia conforme as regiões, e estima-se que na população mundial um em cada dez casais sejam inférteis (WHO, 2003). Sendo que a taxa de infertilidade entre homens e mulheres é similar (APF, 2010) Geralmente, quando o casal recebe este diagnóstico, tanto o homem quanto a mulher se encontra com o problema, em que um dos dois tem um diagnóstico mais acentuado que o outro. Também, há um número menor de casos em que nenhuma causa é encontrada para explicar a infertilidade (ALBERT, 2008).

A infertilidade também aumenta com a idade, atingindo um em cada quatro casais com mais de 35 anos. Os homens, comparado às mulheres, tem um período fértil maior. Pois elas podem conceber da menarca até a menopausa, enquanto que eles permanecer férteis da puberdade até o final da vida. Por mais que essa questão do limite biológico não seja fundamental para os homens, a vitalidade para criar o bebê é um aspecto que deve ser levado em consideração no adiamento da parentalidade (RIBEIRO, 2004).

A fertilidade e a infertilidade são objetos recentes de estudos científicos. Somente ao final do séc. XIX iniciaram-se as pesquisas sobre o desenvolvimento embrionário, que demonstraram que o óvulo tem papel fundamental na fecundação humana. Até então, a mulher era apenas responsável pela incubação do novo ser, e o homem, com seus espermatozoides, o único responsável por gerar a vida. Na metade do séc. XX houve a descoberta do processo de meiose celular, que através da união do espermatozoide e do óvulo, dava origem a um novo ser, possuidor de metade do material genético da mãe e metade do pai. Só na década de 50, a partir do trabalho de dois geneticistas, Watson e Crick, houve a descoberta da estrutura do DNA humano. A partir de então os avanços na área da genética foram enormes, e em pouco tempo técnicas de manipulação do material genético foram desenvolvidas, assim como técnicas de fertilização humana em laboratório. Após estas descobertas na área médica, em 1978, nasce o primeiro bebê de proveta, Louise Brown. A partir de então, vários bebês de proveta nasceram por todo o mundo e as técnicas de reprodução

assistida continuaram sendo aperfeiçoadas, o que propiciou o surgimento de novas tecnologias na área.

Atualmente são inúmeras as técnicas de reprodução assistida, como inseminação intra-uterina (IIU), fertilização *in vitro* (FIV) e injeção intracitoplasmática de espermatozoides (ICSI), que é uma forma especial de FIV. Estes procedimentos aumentaram a chance dos casais inférteis terem um filho biológico, se comparadas as possibilidades de décadas atrás. Porém ainda é necessário compreender como homens e mulheres enfrentam estes procedimentos e vivenciam a infertilidade. Assim é fundamental o olhar da psicologia para este tema.

As pesquisas sobre infertilidade na área da psicologia, em sua maioria procuraram investigar a relação e vivência das mulheres inférteis (TRINDADE & ENUMO, 2002; MIRANDA, 2005; MOREIRA, & LIMA et al, 2005). Porém é escassa a produção científica que vise compreender a relação do homem com o mesmo tema. Alguns estudos que foram levantados, que dizem respeito ao casal infértil, inserem a experiência masculina na infertilidade, porém em grande parte, quem possui o diagnóstico de infertilidade é a mulher.

Por exemplo, o artigo de Káthia Regina Ferreira D`Campos Corrêa, publicado em 2007 “Avaliação da eficácia adaptativa de mulheres e homens inseridos num Programa de fertilização *in vitro*”, teve como objetivo realizar o diagnóstico adaptativo operacionalizado de casais constituídos por homens férteis e mulheres inférteis, integrantes de programa de fertilização *in vitro* (FIV). Em que se entende por diagnóstico adaptativo a capacidade do casal se adaptar frente a uma crise, no caso a infertilidade. Na medida em que a esterilidade pode desencadear no casal um estado de instabilidade emocional, gerando crise, de forma que o indivíduo não consegue utilizar seus métodos habituais de solução de problemas. Assim a busca pelo tratamento de reprodução assistida pode indicar um movimento adaptativo do casal, com objetivo de encontrar resolução para o problema.

Os resultados do estudo mostraram que existem diferenças significativas entre os cônjuges no grau de eficácia adaptativa em relação ao programa de FIV. Em relação à adaptação, ou seja, a descrição da adequação dos setores adaptativos verificou-se que em todos os setores (produtividade, sócio-cultural, orgânico e afetivo-relacional), os homens apresentaram melhor adequação em suas respostas comparadas as das mulheres. O maior comprometimento do setor orgânico nas

mulheres pode ser explicado pelo fato delas terem o diagnóstico de infertilidade. Entretanto, no setor Afetivo-Relacional, considerado o setor mais importante, uma vez que repercute sobre os demais setores, os homens também mostraram prejuízos na adaptação. Estes dados ficam evidentes nos resultados do diagnóstico adaptativo global, onde 64.9% dos homens foram classificados como Adaptação Ineficaz Leve, enquanto 52,6% foram classificadas como Adaptação Ineficaz Severa. O estudo supôs que devido à grande importância que a mulher dá à gestação, a frustração advinda desta infertilidade contribui para a situação de crise adaptativa; e, provavelmente, para a redução do nível da eficácia da adaptação, conforme observado na pesquisa. Vale ressaltar que as conclusões são restritas a amostra do estudo, que consiste em mulheres inférteis e homens férteis.

Outro estudo realizado por Maria João Coito Delgado, dissertação portuguesa de mestrado em comunicação em saúde “O desejo de ter um filho...as vivências do casal infértil” de 2007, também foi realizado com casais, em que as mulheres eram inférteis e os homens férteis. Teve como objetivo central conhecer as vivências do casal infértil, que deseja ter filhos. Para a compreensão da infertilidade buscou conhecer como esta é sentida, vivida e compreendida pelos próprios indivíduos. Uma das categorias levantadas nesta pesquisa, que segundo o estudo influenciam o casal a vivenciar sua infertilidade, importante de ser ressaltada aqui, é o desejo expresso de ter filhos. Segundo a pesquisa é referido na literatura, que a infertilidade é tanto mais valorizada pelo casal, quanto maior for o seu empenho na parentalidade, por isso o desejo de ter filho é tão importante para esta vivência. Diversas são as razões que levam as pessoas a desejarem ter um filho, a pesquisa aponta que existe um contexto ideológico, social e cultural em torno do indivíduo, que de uma forma mais ou menos explícita o pressiona no sentido da maternidade/paternidade. Da subcategoria, Razões do desejo de ter um filho emergem quatro indicadores: Motivação Psicológica, Motivação Social, Motivação Biológica e Fortalecimento do vínculo conjugal. A pesquisa conclui que as vivências dos casais inférteis que desejam ter filhos se refletem em todas as dimensões de suas vidas. Observa também que as implicações psicológicas, que constituem a categoria de maior dimensão, emergem no discurso de todos os participantes, através da expressão de sentimentos dos indivíduos inférteis relativamente a si próprios, relativamente ao companheiro, a familiares e amigos e ainda os sentimentos manifestados relativamente à situação de infertilidade. Finalmente, a pesquisadora constatou que a infertilidade desencadeia um vasto leque de sentimentos, por vezes contraditórios. A infertilidade produz nas mulheres um poderoso sentimento de culpa, inferioridade e vazio. Já nos homens, foi notória a

percepção do sofrimento da parceira, demonstrando que estão conscientes do efeito que a situação produz nela. Este fato faz emergir um dever de proteção que se reflete no apoio que tentam transmitir às suas companheiras e no fato de lhes ocultarem o seu próprio sofrimento para não as sobrecarregar. Este apoio é sentido pelas mulheres como a ajuda mais importante para suportar a situação.

Ainda de acordo com a autora, muitos casais referem o sentimento de isolamento relativamente às suas relações sociais na opção de esconder o seu problema, de modo a evitar a vergonha, a pena e os conselhos indesejados. Os homens, principalmente, evitam falar abertamente sobre a infertilidade, por considerarem um assunto privado e porque acreditam que ninguém pode compreender a extensão do seu sofrimento. Contudo, os casais que partilham o seu problema, ainda que o façam apenas com as pessoas mais próximas, referem a importância do suporte social para lidar com a situação. A infertilidade produz ainda sentimentos persistentes de tristeza, sofrimento e desânimo, sendo frequentemente encarados como um castigo. Um dos sentimentos mais referidos pelos participantes em relação à sua infertilidade é a esperança de resolução do problema e de concretização do desejo de terem um filho. Existe ainda, o sentimento de domínio da infertilidade sobre as suas vidas. As implicações sociais encontradas referem-se ao relacionamento conjugal, relacionamento sexual e realização de atividades diárias. Nos casais, a infertilidade é sentida como uma fonte de alteração no seu relacionamento, em sua maioria, no sentido de aproximação entre o casal, de fortalecimento da relação e da melhoria da comunicação. Mas também no sentido de afastamento no relacionamento. Devido as dificuldades de comunicação e sentimentos de incompreensão por parte do companheiro. Estes aspectos advêm do fato de homens e mulheres reagirem de modo diferente à infertilidade e também porque cada um dos elementos tem expectativas acerca da reação do outro à situação que podem ser frustrantes. Os participantes referem dificuldades sentidas intensamente em relação a sua infertilidade. Como o contato com grávidas, que desperta nas mulheres o sentimento de frustração e tristeza, por lembrarem de sua impossibilidade de ter filho; a pressão externa para ter um filho, por se confrontar com a incapacidade de realizar o objetivo sociocultural que lhes é atribuído; ciclo esperança/desapontamento, que é vivido todo mês com o início de um novo ciclo e a esperança de gravidez, e acaba quando o casal percebe que esta não aconteceu. Os indivíduos inférteis, neste caso as mulheres, manifestam como principal preocupação, o receio de, apesar de todos os esforços, não realizarem o seu desejo de ter um filho.

Outro estudo, denominado “Adiamento do projeto parental: um estudo psicanalítico com casais que enfrentam a esterilidade”, publicado em 2010 por Fátima R. M. do Nascimento, teve como objetivo investigar o adiamento do projeto parental, enfatizando aspectos psicológicos e sociais que o determinaram, repercussões da esterilidade para o vínculo conjugal e a experiência dos tratamentos reprodutivos. Por meio de entrevista psicológica aberta realizada com três casais diagnosticados como inférteis coletou-se dados que foram analisados conforme técnica de análise de conteúdo e discutidos a partir do referencial teórico da psicanálise e da grupalidade. A pesquisa mostrou que os parceiros que apresentavam problemas reprodutivos expressavam com maior intensidade o desejo de ter um filho, uma vez que a responsabilidade de não poder realizar este desejo representava um sofrimento maior para esses indivíduos. Uma das conclusões do estudo foi a peculiaridade com que os maridos e as esposas vivenciaram os procedimentos de reprodução humana assistida evidenciaram as diferenças relacionadas ao gênero no enfrentamento da situação de esterilidade e seus tratamentos. As mulheres mostraram maior iniciativa e persistência em relação aos tratamentos, assim como maior desgaste físico e psicológico provocado pelos exames e procedimentos médicos, avaliados como invasivos e desconfortáveis. As reações emocionais dos maridos frente ao diagnóstico e às propostas de tratamento contra a esterilidade foram marcadas por resistências, desconfianças, pelo uso predominante dos mecanismos da racionalização e deslocamento para evitar o contato com a dor pelo filho não concebido e o acréscimo de pressões ao vínculo conjugal.

A dissertação de mestrado em psicologia clínica, realizada em 2005, por Solange Lopes de Souza: “Expressão psicossomática na infertilidade conjugal: investigação dos processos de enfrentamento durante o diagnóstico” teve como objetivo examinar o processo de enfrentamento da infertilidade conjugal durante a investigação diagnóstica. A pesquisa foi realizada com 30 casais, a partir de cinco instrumentos: Instrumento Genérico de Qualidade de Vida SF-36, instrumento sobre estratégias de enfrentamento, questionário sobre história clínica do casal, questionário sobre avaliação médica diagnóstica e roteiro de entrevista semidirigida para investigar o processo de enfrentamento da infertilidade do casal. A avaliação da escala de eventos vitais identificou mudanças significativas diferentes entre os homens e as mulheres. Entre as mulheres as mudanças representaram fatores de risco em sua totalidade, o que requer orientação e desenvolvimento de redes de proteção pessoal, familiar e social. No grupo dos homens a presença e ausência de mudanças tiveram taxas equivalentes. Indicando que metade da amostra teve suporte familiar. A

presença de suporte social e familiar favorece o enfrentamento de situações que exigem adaptação, como é o caso da infertilidade. O estudo mostra que o enfrentamento da infertilidade é um processo em constante transformação. O casal precisou reformular crenças e desenvolver novos recursos, tanto na esfera individual como na coletiva, para construir este processo. A entrevista semidirigida possibilitou perceber que o enfrentamento requer intervalos de tempo diferenciados, entre homens e mulheres, para a aceitação da infertilidade. A busca por informações e esclarecimento do diagnóstico, eram atitudes tomadas para que o casal aceitasse a infertilidade, que em alguns casos, fora negada anteriormente. Já as análises do Instrumento Genérico de Qualidade de Vida SF-36 identificaram que a qualidade de vida dos casais se encontra entre condição boa e excelente, e o grupo feminino apresenta melhores condições que o masculino. No grupo feminino o nível de significância foi observado em capacidade funcional, vitalidade, aspectos sociais, saúde mental e dor. E o grupo masculino mostrou níveis de significância para estado geral de saúde, limitação física, capacidade funcional, dor, vitalidade e saúde mental. A entrevista semidirigida possibilitou observar que as condições pessoais eram boas, mas emoções como tristeza, angústia, ansiedade, inveja, desânimo, foram descritas por todos os casais e associadas à impossibilidade de ter um filho. Tanto os homens como as mulheres assinalaram que buscar auxílio para conseguir engravidar é uma experiência impactante. A investigação e o próprio tratamento também interferiram na vida emocional, familiar, social e profissional dos casais. Assim o sofrimento e as preocupações interferem nas relações interpessoais de alguma forma. O que mostra a necessidade das equipes de saúde reprodutiva disponibilizarem um psicólogo para atendimentos regulares. A pesquisa apontou também que estar infértil não deve ser considerado como sinônimo de infertilidade ou esterilidade. Também conclui que o enfrentamento desta condição e a busca por sua modificação sempre será resultado de um processo conjugal, social e histórico. Pelo fato de nem todos os casais que buscam investigar a infertilidade estarem disponíveis em se submeter a tratamentos e intervenções médicas disponíveis, pois isso dependerá de fatores econômicos, religiosos, do tipo de vínculo emocional do casal, assim como da confiança estabelecida com a equipe de saúde. Finalmente, o estudo observou que os fatores investigados da escala de estratégias de enfrentamento foram pouco utilizados pelos casais. O que indica que, apesar de todos os casais estarem envolvidos em investigação e tratamento especializados, o alcance e o entendimento do processo de enfrentamento não podem ser compreendidos apenas com a utilização desta escala. Os resultados também evidenciam que faltam recursos pessoais que auxiliam o casal a enfrentar a infertilidade. Porém, através da análise da entrevista semidirigida, foi

possível perceber que para o casal se apropriar dos tratamentos disponíveis e enfrentar problemas financeiros, pessoais e religiosos, é necessário dispor de tempo pessoal e condição fundamental para buscar lidar com recursos oferecidos pela ciência atual. Concluindo, além da investigação dos fatores de enfrentamento, da qualidade de vida e de mudanças significativas na vida dos casais, foi necessário um espaço para perceber como a construção deste processo se procedeu. Este espaço foi possível com as entrevistas semidirigidas, e possibilitou que os casais refletissem e se apropriassem das diferentes formas empregadas e utilizadas em seu processo pessoal de busca de ajuda especializada. Percebeu-se que por um tempo o casal ficou paralisado, e este tempo funcionou como suporte na escolha da melhor direção a ser seguida. Os casais apresentavam-se em percursos diferentes no processo de enfrentamento da infertilidade. Alguns já estavam em curso e outros ainda estavam construindo seus caminhos, e necessitaram de ajuda para identificar os recursos disponíveis e necessários para esta jornada. Outro fator importante, foi perceber que além disso os casais precisarem apreender os sentidos e significados do diagnóstico e do tratamento, é necessário que compreendam as construções pessoais e sociais sobre a maternidade e a paternidade. Diante de todos os achados, a pesquisa sugere que a investigação e o tratamento da infertilidade sejam tarefa para equipe multidisciplinar, que se disponha a conhecer e enfocar de maneira ampla as dimensões físicas, psíquicas, sociais, as crenças e valores que compõem a história de cada casal.

A pesquisa “Infertilidade: um novo campo da psicologia da saúde”, de 2006, publicada por Débora Marcondes Farinati, faz uma revisão da literatura científica com o objetivo de propor uma visão integrada do sujeito, segundo a qual processos físicos estão intimamente relacionados com os psicológicos e sociais. E a infertilidade, levando em consideração esta visão, é um campo de interesse da Psicologia da Saúde. A revisão da literatura da pesquisa citada permite perceber que a paternidade é importante para a identidade de gênero do casal e individual, justamente pela constituição do papel de homem e mulher perpassar as funções parentais. Assim, ao se deparar com a impossibilidade de gerar filhos o casal é acometido por uma gama de sentimentos, como medo, ansiedade, tristeza, frustração, desvalia, vergonha, desencadeando quadros de estresse importantes ou depressivos, que podem não só afetar a esfera individual como conjugal e social, levando o indivíduo ou o casal a um isolamento. O estudo de Pasch, Dunkel-Schetter & Cristensen, presente na revisão da literatura científica do mesmo artigo, averiguou o efeito da infertilidade na comunicação e o ajustamento do casal por meio das diferenças entre as esposas e os

esposos e revelou que ter filhos era mais importante para mulheres do que para homens. Quando os maridos viam o projeto de ter filhos com igual importância e se envolviam no tratamento o efeito da infertilidade era menos negativo.

As pesquisas encontradas que focam a experiência do homem infértil são internacionais. O estudo português de Sofia Gameiro, Sónia Silva, & Maria Cristina Canavarro, publicado em 2008 - A experiência masculina de infertilidade e de reprodução medicamente assistida – aborda o impacto que a infertilidade causa nos casais e principalmente nos homens, além de mostrar a importância do aconselhamento do psicológico para dar suporte emocional, ajudar o casal a refletir sobre as opções de tratamento disponíveis e desenvolver recursos para este lidar com a infertilidade. O estudo, também, evidencia uma escassez da literatura científica sobre o impacto da infertilidade nos homens, e a revisão de literatura da pesquisas aponta que o impacto da infertilidade parece ser maior para ambos os membros do casal quando a causa da infertilidade é masculina. Os homens também não são priorizados em relação ao atendimento médico e psicológico, comparados a suas esposas. Pelo fato da mulher ser o centro das intervenções médicas, mesmo quando a infertilidade do casal é proveniente de uma disfunção do homem. As autoras ressaltam que “o psicólogo deve ser sensível e estar de igual forma atento ao bem-estar do homem, procurando envolvê-lo no processo de tratamento” (GAMEIRO, SILVA & CANAVARRO, 2008, p. 259). Pois dados exploratórios recentes, presentes na pesquisa, indicam que os homens diagnosticados como estéreis apresentam sentimentos de culpa, medo e tristeza, mais elevados que suas mulheres, enquanto que estas apresentaram valores mais elevados de ansiedade.

Pesquisas sobre infertilidade com abordagem da psicologia analítica são escassas, e geralmente falam da experiência feminina ou do casal. A tese de mestrado em psicologia clínica de Susan Carol Albert, publicado em 2008, “Infertilidade na relação conjugal, uma abordagem junguiana, utilizando a terapia de sandplay” buscou ter uma melhor compreensão da complexa questão da infertilidade dentro da relação conjugal. Para isto optou pelo procedimento da terapia breve, e utilizou dois instrumentos: o genetograma e o Sandplay. A análise dos resultados sugere que vários fatores fazem parte dos conflitos relativos a infertilidade: a influência da família de origem, a ambivalência frente à maternidade e a paternidade, a natureza da comunicação entre os cônjuges e a possibilidade de luto frente a criança idealizada. Nesta pesquisa os dois casais entrevistados não tinham uma família de origem que oferecesse uma estrutura acolhedora para as dificuldades enfrentadas e

também não davam espaço para os cônjuges falarem da infertilidade. Quando abordados não deram o apoio necessário e desejado pelos casais. Os casais também demonstraram ambivalência em relação a maternidade e a paternidade. A literatura destaca que tais sentimentos são universais perante a gravidez e a possibilidade de ter um filho, e a infertilidade não é o resultado da ambivalência consciente sobre a concepção. A pesquisa evidencia que ao longo do processo terapêutico, quando os casais conseguiram elaborar e não reprimir o lado hostil de sua ambivalência, encontraram respostas mais criativas. A autora diz que ao terem contato com a própria ambivalência, o casal consegue elaborar seus conflitos internos e não projetá-los no relacionamento, e assim conseguem desenvolver um relacionamento mais maduro. Os resultados da pesquisa corroboram com as observações de outros estudos no que diz respeito a natureza da comunicação entre os cônjuges. Os dois casais participantes desenvolveram dinâmicas de comunicação que sustentava a ilusão de uma relação harmoniosa, equivalente ao que é denominado por outros estudos como “emaranhados harmoniosamente”. Esta pesquisa entendeu este funcionamento como uma possível defesa contra os conflitos que poderiam surgir, caso um ou ambos os cônjuges se abrisse perante o próprio sentimento de impotência gerado pela infertilidade, situação incontrolável e imprevista. Durante o processo os casais conseguiram se apropriar dos próprios sentimentos e elaborar o impacto gerado pelo diagnóstico de infertilidade, que ainda é presente em suas vidas individuais e conjugais. Além disso, o casal elaborou junto, em um nível mais profundo, as alternativas perante a não gravidez. O luto, nesta pesquisa, é entendido como um processo de entrar em contato com a dor e o sofrimento de uma perda ou mudança, e uma elaboração de tais sentimentos para que o indivíduo consiga resgatar esta energia e voltá-la para outro caminho. Os casais da pesquisa, cada um com sua peculiaridade no processo terapêutico, teve na terapia breve um lugar que proporcionou a possibilidade para a reelaboração da própria dor de não paternidade e maternidade, tanto em um nível individual como dentro da conjugalidade. O que, segundo a pesquisa, fortaleceu o Self conjugal e configurou uma nova fonte de energia para que novas possibilidades pudessem ser levadas em conta. Os resultados da pesquisa também sugerem que a terapia breve é eficaz para tratar a questão da infertilidade conjugal. Por estar inserida no diagnóstico médico e frequentemente os impactos psicológicos não serem considerados pelos médicos, a terapia breve é uma opção viável e ampliaria o tratamento para a infertilidade conjugal. A pesquisa também sugere que os instrumentos genetograma e Sandplay são eficazes em propiciar a compreensão dos aspectos psicológicos da infertilidade e

promover oportunidades para a elaboração das dificuldades enfrentadas e dos conflitos que emergem relacionados a esta questão.

A dissertação de mestrado em psicologia clínica de Rita de Cássia Ferrer da Rosa Motooka, “Aspectos emocionais investigados na infertilidade por meio do método de Rorschach”, realizada na PUC-SP em 2008, buscou coletar dados da vivência emocional da infertilidade e de seu enfrentamento. Através de entrevistas semidirigidas e do método de Rorschach realizados com 15 mulheres inscritas no programa de Reprodução Assistida do Hospital Pérola Byington. Apesar da pesquisa ser realizada apenas com mulheres, ela aponta a necessidade de considerar a infertilidade como uma questão do casal, o que trás a preocupação de proceder uma investigação diagnóstica tanto no homem como na mulher. Este procedimento é necessário, pois é muito comum encontrar alterações mínimas de infertilidade no casal, no homem e na mulher. Alterações, estas que se fossem presentes em apenas um dos cônjuges não acarretaria na infertilidade, mas que somadas se tornam significativas. Na pesquisa ao serem questionadas do momento mais difícil para elas, 28% das participantes relatam ser o dia que ficam menstruadas. Pelo fato da infertilidade ter um caráter cíclico, a cada mês a esperança de ter um filho surge e desaparece quando a mulher menstrua. A segunda situação que consideram mais difícil é a pressão que sentem por parte da família e amigos na exigência de terem um filho. O que evidencia que para muitos a maternidade continua a ser um papel fundamental na identidade feminina. E a infertilidade, portanto, coloca a mulher em um lugar diferente do qual é esperado socialmente. Os sentimentos relatados pelas participantes são de tristeza, angústia, frustração, impotência, incapacidade, ansiedade, sensação de “vazio”. O que mostra uma tonalidade depressiva em seus discursos, evidenciando o impacto sofrido pela infertilidade. Os resultados do método de Rorschach apontam que quatro mulheres apresentaram Constelação positiva para a depressão e cinco participantes apresentaram Constelação positiva ao índice de déficit relacional. Porém, mesmo as participantes que não apresentaram Constelação positiva para a depressão, apresentam uma tonalidade disfórica em seu psiquismo e níveis de estresse expressivos. Os resultados encontrados no estudo, também mostram que as participantes apresentam manifestação de estresse, tanto estresse situacional como manifestação mais cronificadas. O impacto deste estresse faz com que as participantes fiquem mais suscetíveis emocionalmente. A pesquisa conclui que o método de Rorschach se mostrou um instrumento eficaz em perceber aspectos depressivos e de estresse manifestados na infertilidade. Fato que vai ao encontro com a literatura, a qual indica que a depressão e o estresse são manifestações importantes

perante a infertilidade. De maneira geral, a pesquisa conclui que as mulheres que enfrentam a infertilidade se apresentam mais vulneráveis emocionalmente; relatam dificuldades no enfrentamento da infertilidade; sentem-se estigmatizadas e cobradas socialmente; muitas vezes não identificam a vontade de ter um filho como um desejo seu, mas do parceiro ou da família; apresentam insegurança em relação ao tratamento; ansiedade no período pré-menstrual; a gravidez parece a única saída, e assim ficam cristalizadas na infertilidade e muitas vezes levam para outros aspectos de suas vidas a impotência; o casal perde a espontaneidade no relacionamento sexual, pois muitas vezes este precisa acontecer em um dia determinado e é visto apenas como uma forma de engravidar, não como prazer; estas mulheres necessitam de um espaço de continência que muitas vezes é encontrado na terapia; e a fragilidade psicológica destas mulheres aponta para uma dificuldade no processo de individuação, mostra a manifestação de complexos maternos negativos e aspectos da feminilidade aparecem comprometidos.

Atualmente as pesquisas que abordam o tema infertilidade, evidenciam que este é uma problemática do casal (ALBERT, 2008). Assim o uso dos termos infertilidade masculina ou feminina seria substituído por infertilidade de casal. Pois quando um dos parceiros recebe o diagnóstico de infertilidade o casal como potencial de pais biológicos deixa de existir.

Apesar das pesquisas que evidenciam a relação do casal com a infertilidade, e portanto inserem o homem nesta relação, ainda não há na literatura acadêmica um número expressivo de trabalhos que abordam especificamente a relação do homem com a infertilidade. A relação do homem com esta temática não é estudada com tanta minuciosidade como a da mulher. A partir dos resultados das pesquisas revisadas percebe-se que muitas vezes o homem é deixado de lado ou até mesmo esquecidos nos contextos de assistência médica e psicológica, assim como nas pesquisas. Dando a impressão que o sofrimento do homem é desvalorizado comparado ao da mulher, ou que não é reconhecido, como se a paternidade fosse menos importante que a maternidade. Entretanto, resultados mostram que este diagnóstico acarreta ao homem sofrimento e dor, apesar de não serem valorizados quanto o sofrimento feminino. Faz-se então, necessário, um maior número de estudos que busquem compreender e agregar novos significados ao que sabemos sobre a infertilidade masculina, com o intuito de promover uma ampliação da consciência coletiva a respeito do assunto.

Desta maneira, tomando a infertilidade masculina como símbolo, esta pesquisa buscou analisá-la sob a perspectiva da psicologia analítica, através da expressividade

dos símbolos que emergirem da relação do sujeito da pesquisa e de suas produções, como desenhos e linha do tempo. Tendo como objetivo realizar uma leitura simbólica da infertilidade masculina e estabelecer relações entre o simbolismo da infertilidade masculina e aspectos da personalidade do participante, com o intuito de entender o significado e o sentido deste símbolo – infertilidade - para ele.

Assim, decidiu-se elaborar dois capítulos teóricos, em que o primeiro (A doença como símbolo) explica a visão da psicologia analítica sobre a doença, e porque podemos vê-la como um símbolo. E o segundo capítulo (A trajetória do Pai), evidencia as modificações históricas que o papel do pai vem enfrentando e mostra o que a sociedade espera e valoriza nos homens. Acreditamos que estes dois capítulos são fundamentais para a compreensão dos significados que o participante da pesquisa trás sobre o símbolo da infertilidade.

2 A DOENÇA COMO SÍMBOLO

Ao descrevermos a infertilidade, partimos de um modelo da medicina que se baseia em estatísticas e fisiologia para explicar a doença. Por serem uma construção cultural e fazerem parte da consciência coletiva, os modelos científicos, que buscam compreender a relação doença – cura, se modificam de acordo com os pensamentos da época que estão inseridos.

Segundo Ramos (2006) alguns modelos teóricos buscaram entender o fenômeno da doença-cura a partir da totalidade do indivíduo, ou seja, consideram a integração de processos psíquicos e orgânicos. Pode-se fazer um paralelo destes modelos com a dinâmica matriarcal, em que as polaridades se encontram indiferenciadas. Enquanto, outros modelos enxergavam esse processo de uma forma cindida, onde psique e corpo são separados e buscam a universalidade da doença, o que remete a uma dinâmica patriarcal.

Atualmente há uma predominância do modelo Biomédico que é baseado em pesquisas e fisiologia experimental e vê a doença como um desvio do normal (RAMOS, 2006). Esse modelo busca a padronização dos sintomas e visa encontrar a causa da doença, através de uma redução do corpo como sistema à partes menores, em que cada órgão é visto separadamente. A consequência desta cisão do corpo, que consequentemente também é a cisão psique-corpo, “tem sido a alienação do homem de seu corpo e da natureza, e a alienação do ego de seu Self” (RAMOS, 1995, p.128).

Segundo a mesma autora, por estarmos em um mundo globalmente interligado percebemos que os fenômenos psíquicos, biológicos, sociais e ambientais são interdependentes, e uma visão global do ser humano é cada vez mais necessária.

Para Ziegler, que desenvolveu extensamente essa tese, a compreensão de uma doença só vai ser completa quando deixarmos o chão sólido da medicina empírica, pois “a experiência tem mostrado que categorizar patologias de acordo com entidades de doenças não nos permite uma apreciação da dinâmica mútua entre saúde e doença” (...) (RAMOS, 1995, p.45).

Assim, o pensamento científico moderno busca acabar com a cisão entre mente e corpo, tanto na química, física, biologia e psicologia, e compreender a totalidade do mundo e do homem. A psicologia analítica entra neste contexto e contribui para a percepção do fenômeno doença-saúde de uma forma mais ampla e integrada.

O método psicoterápico proposto por Jung tem a característica de buscar compreender o homem como uma totalidade. Desta forma seu método contém os princípios do método holístico – o qual visa a indeterminabilidade, relativismo e pluralismo. Denise Ramos, em seu livro *Psique do Corpo*, propõe utilizar o modelo analítico para desenvolver uma conceituação aplicável aos fenômenos de doença e saúde. Ela constata que os conceitos de símbolo como terceiro fator no fenômeno psique-corpo, o ponto de vista finalista e o mecanismo de compensação – conceitos da teoria de Jung – conseguem complementar a dualidade e causalidade psicofísica, ampliando a percepção do fenômeno em questão.

A palavra símbolo permite diferentes interpretações e definições, porém todas convergem no mesmo ponto, que por trás do sentido objetivo e visual há um sentido invisível oculto. Originária do grego, *symbolon*, é o particípio passado do verbo *symbollein*, que significa lançar com, arremessar ao mesmo tempo. O significado etimológico *symbollo* (amontoar) mostra como a ideia de multiplicidade está associada a seu significado. Na teoria Junguiana esta característica é percebida, pois “o símbolo é uma inteireza que não pode nunca se dirigir a uma única capacidade do homem, (...) mas sempre solicita a nossa totalidade, afeta todas as nossas quatro funções a um só tempo e as leva a ressoar.” (JACOBI, 1986, p. 83).

Porém, para Jacobi o termo mais acertado para Símbolo é o alemão *sinnbild*. Sua tradução literal é “imagem do sentido”, que remete aos dois elementos unidos nessa expressão: “o sentido (*sinn*) como elemento integrante do consciente reconhecedor e formativo e a imagem (*bild*) como matéria prima substancial (...) do inconsciente coletivo que, pela união com o primeiro, recebe o seu significado e forma”. (JACOBI, 1986, p. 88 e 89). Assim, a palavra símbolo alude a um sentido de síntese, de ser o terceiro elemento de uma união. E é com este sentido que ele é visto na psicologia analítica.

Para Jung (1991) o símbolo é “Todo produto psíquico que tiver sido por algum momento a melhor expressão possível de um fato até então desconhecido ou apenas relativamente conhecido (...)” (p. 445). Para o autor o símbolo sempre pressupõe que a expressão em que ele aparece é a melhor formulação de um fato desconhecido (inconsciente), apesar de sua existência ser conhecida ou postulada. Porém ele só terá esta característica - de ser a melhor expressão de algum conteúdo – enquanto estiver vivo. Ou seja, enquanto estiver cheio de significado. “Mas, uma vez brotado o sentimento dele, isto é, encontrada aquela expressão que formula melhor a coisa

procurada, esperada ou pressentida do que o símbolo até então empregado, o símbolo esta morto (...)" (JUNG, 1991, p. 444).

O símbolo surge como produto da tensão de opostos entre conteúdos inconscientes e conscientes e permite uma ampliação da consciência se seu sentido for compreendido pelo ego.

Ele é um fator psíquico que não é casualmente solucionado, compreendido e pré-determinável, mas sempre tem um sentido múltiplo e bipolar.

Segundo Jacobi (1986) a bipolaridade do símbolo se baseia em duas de suas características. A primeira é sua qualidade de unificador dos pares opostos, consciente e inconsciente; e a segunda é a de promover à consciência uma nova aglomeração energética, evocada pelo novo sentido que este trás ao ego. Penna (2003) vai pelo mesmo caminho e aponta duas funções principais do símbolo, a primeira é cumprir a auto-regulação da psique e a segunda é mobilizar a consciência para conteúdos desconhecidos.

Segundo Jung (1984) o funcionamento da psique está sempre em movimento. A consciência tem atividade seletiva que exige direção e controle, de modo a excluir o que não lhe convém. Resulta, assim, uma unilateralidade de sua orientação que, quanto mais acentuada, ocasiona maior tensão entre os opostos – consciente e inconsciente. A função compensatória entra em ação em busca de autorregulação.

Jung (1984) também afirma que a psique do homem civilizado, diferentemente do homem primitivo, deixa de ser um sistema autorregulador. Por ter uma consciência dirigida, o homem civilizado, impossibilita a manifestação desimpedida do inconsciente. Este se manifesta por meio de uma contrarreação à atitude unilateral da consciência, mas a influência autorreguladora dos conteúdos inconscientes é eliminada, justamente porque a consciência possui uma atenção crítica e vontade orientada para um determinado fim. Dessa forma, ao ser reprimida, a contrarreação do inconsciente não dissipa sua energia, e um processo de aceleração e intensificação da atitude consciente começa a ocorrer, pois a energia inconsciente parece acrescentar-se à energia da direção consciente. Em um primeiro momento este efeito ajuda na realização das intenções conscientes, mas a longo prazo as energias inconscientes podem, por não serem controladas, irromper na consciência, prejudicando o sujeito.

Esta capacidade da psique formar símbolos, como meio de retornar a um equilíbrio, Jung (1991), chama de função transcendente, que não é entendida como

uma função básica, como o pensar e o sentir, mas é uma função complexa, por ser composta por várias funções. Para uma maior compreensão desta função o termo “transcendente” precisa ser esclarecido, este não tem um significado metafísico, mas sim de possibilitar uma transição, uma passagem de um lado para outro, uma ponte, do inconsciente para o consciente. Para Jacobi (1986) “Essa qualidade mediadora e “lançadora de ponte” do símbolo pode ser literalmente considerada um dos equipamentos mais engenhosos e importantes da “administração” psíquica” (p. 91).

Assim o símbolo é “uma espécie de instância mediadora entre a incompatibilidade do consciente e do inconsciente, um autentico mediador entre o oculto e o revelado” (JACOBI, 1986, p. 90). Ele mostra uma necessidade de transformação, e ao mesmo tempo trás esta possibilidade. Porém ele não a gera sozinho, é necessário que o ego entre em ação.

Outro conceito da psicologia analítica que ajuda a compreender este novo olhar para o processo doença e cura é o Complexo.

Os primeiros testes de associação de Jung (2004) provaram que todas as emoções e fenômenos psíquicos tem uma relação mutua fisiológica, e atualmente várias pesquisas mostram a relação entre estresse e alterações no organismo. A partir dessa constatação Jung formulou a teoria dos Complexos.

Segundo Jacobi (1986), cada complexo é constituído, primeiro de um “elemento nuclear” arquetípico; portanto esta fora do alcance da vontade consciente. Ele é inconsciente e não-dirigível. E em segundo lugar, o complexo é constituído de uma série de associações ligadas ao primeiro e oriundas, em parte, da disposição original/interna da pessoa, e em parte das vivências ambientais do indivíduo. Assim diante de uma situação “adequada”- tanto internamente quanto externamente – este complexo se “carrega” de uma carga emocional que faz seu núcleo passar de potencialmente perturbador para perturbador, e entra em atividade. Desta forma o complexo não obedece as vontades do ego, ele aparece como um outro, com vontades próprias.

Muitos complexos são conhecidos pela consciência, porém isso não garante que este seja assimilado por ela e deixe de ser perturbador. Parece que apenas o conhecimento de sua existência é vão, ele continuará em ação até que consiga “descarregar”, ou seja, transferir a energia psíquica que lhe é inerente para outra corrente. Isso significa que o complexo ira atuar “até que ele possa ser emocionalmente digerido.” (JACOBI, p. 19).

É necessário resaltar que um complexo que a consciência já tem conhecimento, tem maior chance de ser reconhecido e elaborado, do que um que ela nem saiba de sua existência. Pois, quando um complexo é totalmente inconsciente, quando os sintomas causados por ele não conseguem atrair a atenção do ego, ele permanece fora do alcance de um eventual reconhecimento. Desta forma, segundo Jacobi (1986), o complexo se torna influenciável e autônomo, o que faz com que o ego fique à mercê de suas forças que podem ser positivas ou negativas.

Quando são constelados os complexos provocam uma alteração fisiológica e psicológica sincronicamente no indivíduo e, portanto dão origem aos sintomas somáticos ou psíquicos.

Por todo complexo ter um núcleo arquetípico as manifestações fisiopatológicas e psicopatológicas deste têm certa universalidade (RAMOS, 2006, p. 76).

Os arquétipos são fontes primárias de energia e padronização psíquica, que ficam em uma área da psique profunda denominada por Jung de “inconsciente coletivo” (STEIN, 1998). Este é o equivalente interno da criação, desde sua origem até a atualidade, é um cosmo interno infinito como o externo.

No decorrer do tempo Jung amplia a noção de arquétipo. A noção de imagem de modelos psíquicos se estende para os processos dinâmicos, assim foram incluídas todas as manifestações psíquicas da vida, comuns e típicas da natureza humana, tanto no nível biológico e psicobiológico.

O arquétipo só pode ser percebido pela consciência quando esta incide sua luz sobre eles, “seus contornos surgem cada vez mais claramente da escuridão e se enchem de conteúdo individual” (JACOBI, 1986, p. 66). É necessário diferenciar o “arquétipo em si”, que não é perceptível e apenas potencialmente existente, do “arquétipo perceptível”. O que é perceptível do arquétipo é sua imagem, que é captada pela consciência através dos símbolos, sintomas e complexos. Esta diferenciação mostra que os arquétipos não podem ser encontrados de maneira direta, mas apenas indiretamente.

O arquétipo é sempre um símbolo potencial, e quando há uma constelação psíquica e a luz da consciência incide sobre ele está sempre pronto para se atualizar e aparecer como símbolo. “Quando o arquétipo aparece no aqui e agora do espaço e do tempo, podendo de algum modo, ser percebido pelo consciente, falamos então de um símbolo.” (JACOBI, 1986, p. 72)

A alma cria símbolos, que tem como base o arquétipo inconsciente e cuja figura visível resulta das imagens adquiridas pelo consciente. Por serem elementos numinosos, ou seja, possuírem uma energia específica, os arquétipos atraem conteúdos da consciência que lhe são convenientes. Desta forma, pode-se entender, que os arquétipos fornecem a forma, vazia, que é preenchida pela consciência a partir de suas experiências, formando a imagem arquetípica, o próprio símbolo (JACOBI, 1986).

Segundo Ramos “Toda e qualquer doença é um símbolo, o qual revela uma disfunção do eixo ego-Self”. O símbolo expressa à consciência conteúdos do inconsciente, por ser a síntese de um par de opostos que carrega em si conteúdos desconhecidos (PENNA, 2003). Ramos (2006) afirma que a compreensão do sintoma como símbolo implica em reconhecer que a doença tem uma finalidade no contexto da totalidade psíquica. Se o sintoma orgânico é considerado como um indicativo da cisão na representação de um complexo, de tal forma que a polaridade psíquica permanece reprimida, o trabalho de integração dessas duas dimensões (orgânica e psíquica) no contexto do símbolo possibilitará sua reintegração na consciência.

A busca pela integração começa com a compreensão do significado do símbolo-sintoma, a partir do entendimento de sua finalidade e não de sua origem. A busca pela finalidade leva a uma ampliação da consciência e uma maior integração dos conteúdos inconscientes no ego, modificando sua relação com a totalidade.

Ramos (1995) enfatiza que a amplificação pode se dar no nível individual e/ou coletivo. No nível coletivo ela acontece através de estudo comparativo das representações coletivas de uma mesma experiência arquetípica, expressas através de lendas, mitos, arte, contos e religião. Enquanto que no nível individual ocorre através da objetivação do sintoma, no qual o paciente busca seus próprios significados do símbolo. Ao abordar a mesma temática Jacobi (1986) ressalta que apesar de o símbolo ter um “esboço fundamental arquetípico”, ao se relacionar com o ego ele ganha “corpo” e “matéria” adquirindo um significado pessoal e intransferíveis, decorrente da história do sujeito. Por isso é necessário que o próprio paciente busque compreender e significar seus símbolos.

3 A TRAJETÓRIA DO PAI

As mudanças e as novas demandas que são colocadas ao homem também recaem sobre sua identidade masculina, e sobre o papel de pai, podendo ser compreendidas ao observarmos como este papel social foi se modificando ao longo da história e tentarmos entender como se dá a construção desta identidade masculina.

No decorrer da história da humanidade nos deparamos com vários modelos de ser pai. Da Grécia à Idade média, a família não era vista como um espaço de relações amorosas, e a convivência entre pai e filho era mínima. O modelo de família que temos hoje, como um espaço de intimidade e convívio, começou a aparecer nos séculos XVI e XVII. E a partir do século XVI, com a institucionalização das escolas, a criança ganha um papel importante na família, tornando-se um foco de cuidado e preocupação. Assim a relação entre pais e filhos começa a ganhar importância, o papel masculino muda, e o homem precisa cumprir alguns deveres para ser um bom pai, como controlar sua mulher, educar seus filhos e governar seus criados de uma maneira efetiva.

Porém, a sociedade atual vive um momento de questionamento a esta maneira de ver patriarcal (FARIA, 2003), novos olhares aos papéis sociais surgem, podendo indicar o rumo a um novo tipo de consciência. Um exemplo desta mudança de paradigma é permitir novas possibilidades de exercer a masculinidade e a paternidade.

A consciência de ser pai surge paulatinamente no decorrer da história da humanidade, interligada com o desenvolvimento gradual da consciência, com o momento histórico, com as maneiras de estruturação e organização das sociedades, com o meio ambiente e as configurações dos agrupamentos familiares. Portanto, para a psicologia analítica a história da paternidade segue a dinâmica do desenvolvimento da consciência (FARIA, 2003).

Assim, surge a necessidade de elucidar como se dá este desenvolvimento da consciência.

Byington (1987) fala que o desenvolvimento da consciência pode passar por quatro dinamismos arquetípicos: o dinamismo matriarcal, o patriarcal, de alteridade e o cósmico. Segundo o mesmo autor, os dinamismos não são estágios e sim posições que ocorrem ao longo da vida. Embora sejam quatro, e haja predomínio de cada um deles na sequência descrita acima, é necessário esclarecer que não é uma regra ou

ordem, e sim um predomínio. Ou seja, dependendo da cultura que o indivíduo está inserido ele entrará mais rápido no dinamismo patriarcal, do que outro que o predomínio de sua cultura seja matriarcal.

O dinamismo matriarcal é regido pelo arquétipo da grande mãe, e este período é caracterizado pelo predomínio do inconsciente, pela dificuldade de discriminação e pela simbiose. A imagem do Uruborus – cobra que come a própria calda, é elucidativa deste período. O uruborus é um todo indiferenciado e sem fim, o mesmo ocorre entre ego e Self no dinamismo matriarcal, pois ambos são indiscriminados. Neste dinamismo a consciência está se formando, mas ainda é muito “fraca” para se distinguir do inconsciente. Quando o eu começa a emergir, percebe-se isso quando a criança começa a andar e falar, é um momento propício para a entrada no dinamismo patriarcal. No qual o ego irá ganhar força e se diferenciar do inconsciente.

O dinamismo patriarcal é regido pelo arquétipo do pai. Este arquétipo que vai coordenar o emergir dos símbolos que garantem a estruturação do ego. Características deste arquétipo como, noção do outro, regras, ordem, disciplina, ética, permitem que haja uma separação dos opostos (consciência x inconsciente, ego x Self) e ao mesmo tempo uma hierarquização destes. Ou seja, o bem é mais valorizado que o mal, o racional mais valorizado que o emocional. Este dinamismo tem longa duração na vida de uma pessoa, e é dentro dele que estudamos, entramos na vida adulta, casamos, obtemos uma profissão. Coletivamente ele é representado pelo estado, igreja, e a própria família. Assim, este ciclo é fundamental para a estruturação do ego, pois só quando este se afasta do inconsciente, é possível que a identidade, a persona, e conseqüentemente a sobre, do indivíduo se formem. Como há uma hierarquização, conteúdos que não são valorizados pelo indivíduo e pela sociedade são excluídos e podem se tornar sombrios. Assim não há uma integração consciente de todos os conteúdos pertencentes ao indivíduo. E é justamente no dinamismo de alteridade que esta integração irá ocorrer.

O dinamismo de alteridade é regido pelo arquétipo anima - no homem - e animus - na mulher. Ele indica o início do processo de individuação e começa na segunda metade da vida, indicando a metanóia. Assim, neste dinamismo há uma relação dialética com o outro exterior e interior. Diferentemente do dinamismo patriarcal em que há cisão e os conflitos são resolvidos com exclusão, no dinamismo de alteridade o indivíduo entra em contato com seu próprio outro, resgatando aspectos da sobre, e assim seus conflitos emergem e são questionados. Portanto o outro é visto e aceito como diferente, e a hierarquização de valores deixa de existir. A alteridade

disponibiliza a inquietude, o desassossego, há dúvidas das próprias conclusões, assim é comum que haja mudanças de paradigmas.

Outro dinamismo que ocorre na segunda fase da vida é o cósmico. Este dinamismo é regido diretamente pelo Self. É caracterizado por uma harmônica continuidade, inserção eu-mundo. Há uma sensação de plenitude, o indivíduo sente que está no lugar certo e o mundo faz sentido. E como há uma consciência, o lugar do eu é perceptível, ego e inconsciente não estão indiscriminados como no dinamismo matriarcal. Neste dinamismo há a aceitação da morte como sendo parte da vida.

Desta forma, para a abordagem teórica analítica o patriarcado não se estabelece como uma categoria histórica e sociológica, mas é, sobretudo, uma maneira de ver, pensar e perceber o mundo que está na base da conduta humana. E foi a partir desta maneira de olhar o mundo que a civilização ocidental se constituiu, assim como tudo que é próprio dela, como sua economia, suas estruturas sociais, seu modo de ser feminino, de ser masculino e de ser pai. E até hoje a consciência patriarcal é a predominante na sociedade ocidental.

Ao ser regida pelo arquétipo do Pai, a consciência patriarcal, permitiu a constituição da vida dita civilizada, permitiu o controle dos impulsos inconscientes e sombrios a partir das leis, regras, deveres e obrigações. Por outro lado a consciência patriarcal passa a negar e reprimir elementos da dinâmica matriarcal como o contato ao mundo feminino e aos vínculos.

As grandes revoluções, Francesa e Industrial, que ocorreram na Europa no final do século XVII foram fundamentais para a transformação da paternidade. Com a derrubada da monarquia absolutista, a qual conduzia o patriarcado a suas formas mais radicais, começa a queda do pai como ser supremo da família. Assim como o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, permite a formação de um novo ideário, em que está em pauta os direitos dos Homens, não apenas os do Pai.

Na Revolução Industrial há o afastamento dos homens do lar, antes estes trabalhavam em suas próprias casas, e com o estabelecimento das indústrias eles passam a sair de casa. Desta forma, o pai perde o poder no âmbito familiar e a mãe passa a ganhar autoridade “diluindo o peso ditatorial do homem no contexto doméstico” (FARIA, 2003, p. 62). Além do afastamento do pai, a melhora nas condições de vida - habitações e saneamento - trazidas pela modernidade possibilitou a ampliação das casas, e conseqüentemente a construção de mais cômodos

proporcionou a privacidade dos membros da família. Assim a individualidade passou a ser um valor na sociedade daquela época.

Neste contexto, a comunidade deixa de ser o centro da sociedade e a família passa a ocupar esta posição nuclear. O espaço doméstico passa a ser um local de vínculo, afeto e refúgio. O cuidado com os filhos passa a ser vistos como uma expressão de amor, apesar deles ainda serem um meio de autoperpetuação e ascensão social.

Ao deixar de ser relacionado como autoridade máxima da família, a partir do século XVIII, o pai ganha o papel de “bom provedor”. O que designa a ele a responsabilidade de sustentar a família, e a mãe de cuidar do lar e dos filhos. Estes papéis sociais contribuíram com a noção de masculinidade e feminilidade presentes até meados do século XX.

No século XX um novo modelo de pai surge, este enfatiza o papel sexual masculino, sua virilidade e características fálicas. O pai seria um modelo tanto para o menino como para a menina, que buscaria homens como seu pai.

A partir da década de 70, há a configuração de um novo modelo de paternidade, onde o pai passa a ser mais ativo nos cuidados direto da criança. Este pai nutridor é a representação do “pai moderno”, que surge a partir da possibilidade do divórcio. Este modelo possibilita uma nova nuance na construção da identidade masculina, que permite um pai com características antes consideradas femininas.

Na década de 80 surge o pai ausente, caracterizado como um pai que exerce a paternidade de forma inadequada, impondo frustrações demasiadas ao filho devido a sua ausência, seja por motivo de saúde ou pessoal. É um pai que não se adéqua as necessidades do filho, induz a culpa e ameaça-o ao abandono.

Nos anos 2000 novas possibilidades de exercício da paternidade emergem, a parentalidade transcende o biológico e a justiça (Lei-8.069) legaliza os pais sociais, enfatizando a importância social da família, ou seja, a que não é definida apenas por um agrupamento de parentes consanguíneos, mas fundamentalmente por laços de afetos (LIMA, 2003).

É também crescente o número de demandas sobre fertilização assistida, seja em decorrência do adiamento da parentalidade - por razões profissionais ou pela busca/encontro de um parceiro específico - ou da infertilidade de um dos cônjuges.

Para Jung (1991) o caráter social se orienta, por um lado, de acordo com as condições e necessidades sociais, e por outro pelas intenções e aspirações do indivíduo. Assim, para correspondermos às exigências e expectativas da sociedade, como para nos adaptarmos a realidade exterior, precisamos vestir uma máscara que nos permita ter a atitude necessária exigida em um determinado momento. Apesar de por trás dela ainda termos nossas próprias intenções. Esta máscara Jung nomeia de *persona*.

O termo latino *persona* refere-se à máscara do ator da antiguidade, que era usada nas peças ritualísticas solenes. Desta forma, as *personas* que desenvolvemos ao longo da vida “representam os papéis que desempenhamos no palco do mundo” (WHITMONT, 1998, p.140).

Segundo Jung (1991) a verdadeira identidade é diferente da *persona*. A *persona* é um complexo funcional que surge por necessidade de acomodação e adaptação aos vários ambientes sociais que a pessoa está inserida. E o complexo funcional da *persona* diz respeito exclusivamente a relação do indivíduo com os objetos externos. Whitmont (1998) pontua a necessidade de uma diferenciação entre ego e *persona* durante o desenvolvimento psicológico. Isso significa que precisamos “nos tornar conscientes de nós mesmos enquanto indivíduos separados das exigências externas feitas em relação a nós” (p. 140). Quando isto não acontece forma-se um pseudo ego, em que o funcionamento se baseia na imitação estereotipada ou em uma atuação meramente zelosa do papel atribuído coletivamente a esta pessoa. Este pseudo ego, além de ter um padrão de personalidade, é muito rígido, o que o torna extremamente frágil e quebradiço. Byington, por sua vez, diz que o apego à *persona*, além de impossibilitar o desenvolvimento do ego e da personalidade, pode inverter a função normal da *persona*. Para ele esta função normal seria a de estruturação e de evitar a formação da sombra. A sombra, seriam os aspectos rejeitados e inacessíveis da personalidade, pois se refere aquilo que não é aceito pelo indivíduo e ou pela cultura.

Ao enfatizar que tanto a falta de máscaras para moldar a expressão do rosto, como máscaras defeituosas que deformam tal expressão, o autor endossa a *persona* como começo fundamental na formação da personalidade. Desta forma, quando uma pessoa não consegue desenvolver uma *persona*, ou quando esta não é eficaz o suficiente, ela tem um problema na estruturação de sua personalidade. Assim, uma relação inadequada com a *persona* pode abarcar desde uma fixação no seu aspecto

mais coletivo ou até mesmo uma incapacidade ou recusa em aceitar qualquer exigência ou adaptação coletiva.

Atualmente, comparado ao começo do século, porexemplo, muitos valores da sociedade se alteraram. Desta forma, pode-se dizer que a persona para os gêneros também se alterou. A preocupação com a beleza, que antes era uma preocupação exclusiva das mulheres, hoje em dia também atinge os homens. O mesmo ocorre com as mulheres no aspecto profissional, antes o sustento da família era uma preocupação apenas do homem, e hoje também é uma responsabilidade da mulher. Segundo Byington “Trata-se da diferenciação do dinamismo sociodemocratico na cultura, que ao se diferenciar, proporciona a formação de personas para um sexo de modelos que, até então, eram patriarcalmente restrito ao outro” (1988, p. 21).

Outra característica da persona atual é a competição. É um dos códigos mais produtivos para a estruturação da personalidade no dinamismo patriarcal. Está presente tanto na educação como no trabalho, que é evidenciado pela alta produtividade, podendo se tornar muitas vezes mais proeminente que a do certo e do errado. O relógio e o calendário, também, são canais de expressão para a persona no dinamismo patriarcal, que auxiliam na organização da personalidade e da sociedade.

Porém, para Byington (1988) o código mais importante da persona patriarcal em nossa sociedade é o status social, o poder econômico e o condicionamento do trabalho ao sucesso para manter estes valores. Esta ideologia, pautada no sucesso e poder, que está inerente a persona geralmente submete os símbolos das demais dimensões simbólicas (corpo, sociedade e natureza) aos seus propósitos.

Os códigos valorizados na constituição da persona nos dias de hoje, também são encontrados no que diz respeito a formação da identidade masculina.

O sociólogo australiano Robert Connel entende a masculinidade como uma posição nas relações de gênero, relacionada simultaneamente com as práticas que faz com que os homens se coloquem nessa posição, assim como o efeito destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura. Assim não há um padrão fixo de masculinidade em todos os momentos e lugares. Pois as culturas são diferentes entre si e os padrões de masculinidade se alteram com o passar do tempo. Desta forma, há varias maneiras de “tornar-se homem”. Porém, segundo o mesmo autor, na maioria das comunidade existe um padrão específico de masculinidade que é mais respeitado e valorizado que outros, o padrão hegemônico. Este padrão se reflete nos

personagens masculinos de filmes, novelas, programas de televisão e esporte, e é apresentado aos jovens como um modelo a ser seguido.

A masculinidade hegemônica atual, está relacionada, principalmente, com uma prática de gênero que busca garantir a posição dominante dos homens frente a subordinação das mulheres. “O homem ideal é forte fisicamente, bem-sucedido na sociedade, estável e capaz de defender a si próprio e a sua comunidade; além de um excelente amante heterossexual” (MACIEL JR, 2008, p. 58).

Porém, é necessário entender que a masculinidade hegemônica não corresponde necessariamente as características dos homens concretamente mais poderosos. Ela também diz respeito ao que sustenta o seu poder e ao que motiva muitos homens a apoiá-la. Assim, a masculinidade hegemônica deve ser compreendida “como uma dinâmica cultural pela qual um grupo reclama e sustenta uma posição superior na vida social, sendo que relaciona com a dominação cultural na sociedade como um todo” (MACIEL JR, 2008, p.56).

Além disso, é importante saber que o modelo imposto pela masculinidade hegemônica é dificilmente alcançado por todos os homens, mesmo que este tenha ascendência sobre os demais modelos.

Plínio de Almeida Maciel Jr, em seu doutorado constatou que a família, principalmente os pais, são fortes contribuidores na construção da ordem de gênero desde o nascimento até a adolescência. Mesmo que o modelo de gênero valorizado pela família não esteja pautado no tradicional, ela é a primeira instituição que sustenta a divisão de poder entre gêneros, e desta forma, a ordem social.

Também concluiu que o casamento e a paternidade na vida dos homens entrevistados parecem inseridos nos seus projetos de gênero, “ambos se enquadram num projeto maior, o da família tradicional, com relações convencionais entre os gêneros e a heterossexualidade como maneira correta das pessoas viverem”(p.167). Apesar de seus entrevistados estarem inseridos nos valores do patriarcado, por serem profissionais bem-sucedidos e respeitados, por exemplo. Eles compartilham da complexidade de manutenção das demandas antagônicas do momento social, no que diz respeito a relacionamentos amorosos e construção de projetos conjugais e parentais. Pois, segundo o autor, os padrões hegemônicos tradicionais estão sendo reformulados no que diz respeito ao papel de pai e de marido.

Segundo a pesquisa portuguesa “O desejo de ter um filho...as vivências do casal infértil” de 2007, o desejo de ter filho é movido por quatro tipos de motivação: psicológica, social, biológica e o fortalecimento do vínculo conjugal.

A Motivação Psicológica, em que o desejo de parentalidade surge como uma parte essencial da vida de adulto, ou integrada como um componente do seu desenvolvimento, através da possibilidade de filiação, de renovação da vida e de exercer influência no desenvolvimento de outro ser humano. Apareceu, na sua grande maioria, no discurso das mulheres (nove das dez entrevistadas) e foi expressa por quatro dos nove homens entrevistados.

Já, referências sobre Motivação social apareceram de modo semelhante nas falas de homens e mulheres. A motivação social, é caracterizada por ser aquilo que é socialmente esperado. Pode ser uma exigência social e uma forma de pertencer a uma certa comunidade, fazendo parte dos ideais e valores desta. Assim, ser pai e mãe é pode ser visto, em determinadas culturas, como um papel central da vida e objetivo primário da idade adulta.

A Motivação biológica, surge expressa num desejo de continuidade genética nas gerações subsequentes. Emerge ainda a vivência da parentalidade no sentido de se prolongar após a morte através do seu descendente. Esta motivação biológica está mais presente no elemento masculino do casal, sendo referida por cinco participantes masculinos e apenas por um dos elementos femininos.

O Fortalecimento do vínculo conjugal, surge no âmbito de que ter filhos é valorizado culturalmente e considerado um acontecimento que distingue positivamente o casal. Este indicador parece ser mais valorizado pelos elementos femininos visto que as afirmações foram produzidas por cinco elementos femininos e dois elementos masculinos.

A parentalidade é geralmente considerada como o cerne vital da sociedade, onde o casal deposita o seu esforço para concretizar o seu projeto de vida, visando a construção e perpetuação da família e consequentemente da sociedade. A procriação, tida como um dos objetivos superiores da vida conjugal concretiza a transmissão da vida e simboliza a plenitude da união e do amor do casal.

4 MÉTODO

Foi realizado um estudo qualitativo que buscou compreender simbolicamente a infertilidade masculina a partir da análise da produção de desenhos e linha do tempo de homens diagnosticados como inférteis.

O método qualitativo possibilita a descrição e interpretação do conhecimento, o significado e a essência da questão em estudo, do fenômeno. (PENNA, 2003). Albert (2008) também coloca que a construção do conhecimento é um processo vivo, uma produção humana, em que o pesquisador, com seus pensamentos, reflexões, sensações, sentimentos e intuições interage e troca constantemente com o pesquisado. O método qualitativo mostra-se, então, adequado enquanto escolha, por propor uma abordagem compreensiva e interpretativa dos fenômenos. Se a psicologia analítica se fundamenta na noção de processos psíquicos dinâmicos, de natureza consciente e inconsciente e na subjetividade do conhecimento, a interação do pesquisador com a realidade que está sendo estudada se modifica através de sua própria subjetividade e intervenção (ALBERT, 2008; PENNA, 2003).

Por ser um estudo orientado pelo referencial da psicologia analítica, esta pesquisa qualitativa tem como objeto os símbolos que emergem da relação entre o participante da pesquisa e suas produções como os desenhos e a linha do tempo.

Um dos recursos que a psicologia analítica dispõe para a compreensão e elaboração dos símbolos consiste na Amplificação Simbólica, ferramenta que permite a compreensão dos significados arquetípicos dos símbolos a partir de analogias e associações. Esta técnica busca compreender o símbolo e os produtos inconscientes como expressões finalistas, assim, não busca entender a causa dos símbolos, mas seu fim. A amplificação permite o entendimento dos produtos inconsciente e o esclarecimento do sentido simbolicamente expresso (JUNG, 1991).

4.1 Procedimento

Local

Os encontros com o participante da pesquisa aconteceram em uma sala reservada em uma clínica psicologia em São Paulo, capital.

Participantes

A pesquisa foi realizada com um homem, adulto, diagnosticado como infértil, que voluntariamente se engajou no estudo em questão, após ser consultado pela psicóloga que o acompanhava em psicodiagnóstico conjugal. Apesar de termos entrevistado também sua mulher, optamos por utilizar, nesta pesquisa, apenas os dados de Marcos.

Foram realizados dois encontros com Marcos. O primeiro com Marcos e Bia, aconteceu no dia 24 de janeiro de 2011 e houve a produção de três linhas do tempo: história conjugal, história pessoal e história da família de origem. No segundo encontro, realizado no dia 28 de janeiro de 2011, apenas com Marcos, algumas dúvidas referente as linhas do tempo foram esclarecidas e houve a produção dos desenhos por ele e o inquérito dos mesmos.

O processo de encontrar um homem dentro dos critérios desta pesquisa envolveu parentes e amigos que eventualmente conhecessem alguém para indicar. As respostas foram em sua maior parte negativas. Apesar de alguns conhecerem pessoas dentro dos critérios, abordar possíveis participantes e convidá-los era relatado como constrangedor, o assunto de foro muito íntimo e desconfortável tanto para a pessoa e quanto para quem ia perguntar sobre a possibilidade de participação no estudo.

4.2 Instrumentos

Linha Do Tempo

Nesta pesquisa pedimos ao sujeito para elaborar três faixas, uma que conte a história da família de origem, outra que conte a história pessoal e a última sobre a história conjugal. Desta forma a faixa que representará a história conjugal será estudada como o texto, e as demais faixas assumirão a função de contexto.

A Linha do Tempo (LT) é um instrumento utilizado para compreender a História do sujeito, que foca na visualização de acontecimentos e processos significativos que tenham relação com a investigação proposta. Além de possibilitar perceber a extensão no tempo e a concomitância com outros fatos que fizeram parte do contexto do sujeito, como a história da família de origem e a história pessoal (BESTETI, 2010).

A Linha do Tempo auxilia no registro, análise e compreensão mais ampla de um processo que se queira reconstruir. Isso acontece a partir da explicitação e relação entre texto e contexto, da periodização, da seqüência dos fatos e da leitura horizontal e transversal das informações que aparecem nas linhas do tempo feitas pelo indivíduo.

Desenhos

Os desenhos são muito utilizados em avaliações psicológicas como em pesquisas. Segundo a psicologia analítica eles são grande fonte de material simbólico, que permitem uma compreensão de conteúdos inconscientes e muitas vezes perceber de uma maneira empírica, através da projeção do inconsciente, o que esta acontecendo com o corpo (FURTH, 2004).

Nesta pesquisa serão analisadas três expressões gráficas: desenho Livre, desenho Temático - no qual o tema será a representação da infertilidade - e o desenho da Árvore.

Algumas considerações devem ser feita a respeito do desenho da árvore. Este desenho permite que sentimentos mais profundos, negativos ou perturbadores, aparecem com menos resistências por parte do ego, pela relação entre indivíduo e árvore não ser tão evidente. Devido a sua característica básica de ser uma planta, vegetal e natural, este desenho “favorece a projeção de sentimentos mais profundo da personalidade e do Self em um nível mais primitivo” (VILLEMOR-AMARAL, 2008, p. 108).

Autores, entre eles o próprio Jung (1993), também constataram seu grande valor como símbolo. Para este autor, especificamente, a árvore é um motivo que aparece em sonhos, mitos e lendas de várias culturas, e assume significados diferentes como, evolução, crescimento físico e amadurecimento psicológico. Estes significados podem ser entendidos ao levarmos em conta o ciclo anual de uma árvore, onde as folhas aparecem, as flores brotam, os frutos nascem e por fim as folhas caem. Este ciclo pode representar uma metáfora da vida, o que nos leva a ter uma forte identificação com ela.

Durante os encontros pesquisador e participantes trabalharam juntos em cima dos símbolos referentes a infertilidade que emergirem nas produções expressivas (desenho livre, desenho da árvore e temático), com o intuito de ampliar e enriquecer o significado destes símbolos, através de associações e analogias, visando traduzir e interpretar o material desconhecido do símbolo (PENNA, 2003).

4.3 Aplicação e Avaliação

No primeiro encontro, foram realizadas as linhas do tempo por Marcos e sua esposa. Apenas a linha do tempo conjugal foi realizada em conjunto, as demais foram elaboradas individualmente. As instruções dadas para eles foram: “Gostaria que você fizesse uma linha do tempo da sua história conjugal, que indicasse os momentos mais significativos para você.”; “Gostaria que você fizesse uma linha do tempo da sua história pessoal com os momentos mais significativos para você”; “Gostaria que você fizesse uma linha do tempo da história da sua família de origem com os momentos mais significativos para você”.

O segundo encontro, houve a realização dos desenhos apenas por Marcos. As instruções dadas foram: “Gostaria que você realizasse um desenho livre”; “Agora, gostaria que você desenhasse uma árvore”; “Este é o último desenho, gostaria que você desenhasse a representação da infertilidade para você”.

O inquérito dos desenhos constitui em perguntas que buscavam compreender o que orientou o participante realizar o desenho, como “O que é este desenho?”, “O que te levou a desenhá-lo”, “No que pensou para realizar este desenho?”, “O que te inspirou a desenhar este desenho?”.

Em relação ao desenho da árvore, adicionamos o inquérito do HTP (BUCK, 2003) que consiste nas seguintes perguntas: Que tipo de árvore é esta? Onde fica? Esta sozinha? Como esta o tempo? Quantos anos tem? Esta viva ou morta? Ela precisa de alguma coisa?

Os desenhos foram analisados de acordo com o referencial teórico da psicologia analítica. Para esta abordagem os desenhos são fonte de material simbólico que possibilitam a compreensão de conteúdos inconsciente (FURTH, 2004).

O mesmo autor distingue dois tipos de desenhos: desenhos espontâneos e desenhos de improviso. O primeiro, são aqueles que o indivíduo começa a desenhar por conta própria e não por que alguém pediu que desenhasse. O segundo são os executados a partir de um pedido, sob um impulso repentino, sem preparação prévia, e pode ser tanto um desenho livre quanto um desenho com um tema proposto.

O método proposto por Furth (2004) baseia-se no que o autor chamou de ponto focal, ou seja, “em que a atenção se foca em um desenho” (2004, p. 75). Não é suficiente um único ponto focal para se decifrar o conteúdo de uma imagem; é necessário um conjunto de pontos que “não servem como regras ou receitas, mas sim

como guias para uma compreensão do conteúdo inconsciente expresso nas figuras” (Ibid., 2004, p.30). Assim não há um número específico de pontos focais a serem seguidos e identificados nos desenhos.

Desta forma, na análise seguimos os princípios propostos por Furth (2004):

- Prestar atenção à primeira impressão causada pelo desenho. Em um primeiro momento não se deve interpretar o desenho, mas se concentrar nos primeiros sentimentos que ele causa.
- Agir como um pesquisador. A voz inconsciente varia de um desenho para o outro, de forma que sua manifestação em cada desenho deva ser analisada de maneira objetiva. Olhar para os **pontos focais** de modo sistemático é a melhor forma de ordenar e direcionar o trabalho analítico.
- Sintetizar o que descobriu a partir dos componentes individuais e reunir essa informação em um todo.

Dentro da lista de 31 pontos focais propostos por Furth (2004), os encontrados e analisados nos desenhos desta pesquisa foram:

- a) **Que sentimentos o desenho transmite?**
- b) **O que parece estranho?** Tentar descobrir o motivo pelo qual algumas coisas são desenhadas de uma forma peculiar ou anormal. Essas representações estranhas normalmente apontam para uma área problemática específica.
- c) **O que é central?** Muitas vezes, o que está posicionado no centro do desenho pode indicar onde está o núcleo do problema ou o que é importante para o indivíduo.
- d) **Tamanho.** Proporção dos objetos e das pessoas no desenho.
- e) **Formas distorcidas.** Com frequência, alguma parte de uma figura ou objeto pode ser desenhada fora de proporção.
- f) **Objetos repetidos.** Contá-los, pois o número é sempre significativo, relacionando-se a medidas de tempo ou a eventos de importância no passado, presente ou futuro.
- g) **Perspectiva.** A perspectiva que o desenho foi feito é consistente?

- h) **Entre no desenho.** Tentar se tornar alguns objetos do desenho para que ele possa sentir, ouvir e ver como eles se comportam e compreendem melhor a relação deles com o todo.
- i) **Sombreado.** Uma maior quantidade de tempo e energia é investida em objetos sombreados. Podendo indicar fixação ou ansiedade a respeito do que o objeto sombreado representa simbolicamente.
- j) **Encapsulação.** Significa prisão, necessidade de desenhar limites específicos ao redor de uma determinada figura do desenho.
- k) **Movimentos.** Observar a trajetória de objetos em movimento e perceber sua consequência.
- l) **Abstrato. Cheio versus vazio.** O desenho está cheio ou vazio? Como o espaço foi utilizado?
- m) **Traduzindo cores.** Para uma interpretação das cores, deve-se considerar a forma como a cor foi usada, onde ela está situada na página, a quantidade utilizada, sobre quais objetos ou matérias ela é utilizada e a sua intensidade.
- n) **Quadrantes**

O desenho da árvore, especificamente, também será analisado a partir da teoria de Odette Van Kolck (1984). Onde buscou compreender os aspectos formais e de conteúdos dos desenhos.

Soma-se a análise dos desenhos a análise da linha do tempo constituída nesta pesquisa pelas duas faixas que representam a história da família de origem e a história pessoal. Elas foram englobadas em uma única linha do tempo, o que possibilitou texto uma visão mais global da vida do sujeito, onde o contexto foi incluído.

5 ANÁLISE E RESULTADOS

Linha do Tempo (Anexo A)

Em 1953 seus pais começaram a namorar em Pernambuco, no mesmo ano seu pai se muda para São Paulo. Em 1955 sua mãe e avó materna mudam-se para São Paulo. Em 1956 seus pais se casam, na época sua mãe tinha 22 anos e seu pai 28.

Em 1958 nasce sua irmã mais velha, em 1959 sua segunda irmã e em 1962 seu irmão. Entre o nascimento de sua segunda irmã e do seu irmão seus pais começam a construir uma casa. E entre o nascimento de seu irmão e de Marcos sua avó materna falece.

Marcos nasce em setembro de 1976, é o caçula de quatro filhos. Quando ele nasceu sua irmã mais velha tinha 18 anos, a segunda 16 e seu irmão 14.

Em maio de 1980 sua segunda irmã casa, e em julho do mesmo ano seu pai falece. Um pouco depois que o pai de Marcos faleceu, sua irmã sofre um aborto no quarto mês de gestação. Marcos conta que está irmã tem dificuldades para engravidar, segundo ele ela “também é infértil”.

Em fevereiro de 1983, com 6 anos, Marcos entra na escola e começa seu processo de alfabetização, no mesmo mês vai a praia pela primeira vez. Em outubro do mesmo ano sua segunda irmã, que tem dificuldades para engravidar, adota uma menina. Em 1986, a mesma irmã engravida e nasce um menino, segundo Marcos a gravidez foi muito difícil, pois tinha grande chance de perder o neném.

No ano de 1987 sua irmã mais velha vai morar sozinha e em 1988 seu irmão sai de casa. No ano de 1989 sua segunda irmã adota outra menina. E em 1990, seu irmão tem uma filha.

Em fevereiro de 1991 Marcos começa a trabalhar e estudar a noite, no mesmo ano se forma na oitava série. Em 1992 muda de escola, na qual cursa o colegial. Em Janeiro de 1994 seu irmão tem outro filho, um menino. No final do mesmo ano Marcos se forma no colégio. Em julho de 1995 começa a faculdade, no mesmo período começam as dificuldades financeiras que vão até 1997.

No primeiro semestre de 1999, Marcos se casa pela primeira vez e tranca a faculdade, ele conta que não tem filhos do primeiro casamento, mas não evitavam a

gravidez. Já sabia que era infértil. Em dezembro do mesmo ano fica desempregado. No início de 2000 seu casamento entra em crise e as dificuldades financeiras voltam, e em outubro de 2001 ele se separa da primeira mulher.

Em novembro de 2001 volta a morar na casa da mãe e em julho de 2003 conhece a Bia.

O casal se conheceu em 18 de julho de 2003, noivaram um ano depois (janeiro de 2004) e casaram em fevereiro de 2006 e passaram a lua de mel em Natal. Segundo eles desde o casamento pararam de utilizar métodos contraceptivos. E em março do mesmo ano Marcos é contratado por uma empresa, último dado referente ao ano de 2006.

Em janeiro de 2007 comemoram o aniversário de 1 ano de casamento em Paúba. Em outubro do mesmo ano Marcos é promovido a gerente de vendas da empresa que trabalha, e em dezembro compra uma casa. Até então moravam com a irmã de Bia, tinham um quarto na casa dela.

Viajam para Ubatuba em janeiro de 2008, e começam a reformar a casa em julho do mesmo ano, e em agosto viajam para Porto de Galinhas.

Em janeiro de 2009 vão para Ubatuba novamente, em março Bia é demitida do trabalho. Decide então que é a hora de correr atrás dos tratamentos para poderem ter um filho. De março à agosto de 2009 fazem o tratamento para infertilidade, e a primeira tentativa foi uma fertilização, que acabou não dando certo. Em novembro do mesmo ano houve uma briga na família de Marcos, seu único irmão homem briga com toda família e apenas continua falando com Marcos e Bia.

Em janeiro de 2010 viajam para Natal com parentes de Marcos, em março Bia começa o tratamento para depressão que surgiu depois que ficou desempregada, e é neste momento que tentam pela segunda vez um procedimento para engravidar, desta vez fazem a FIV, que também não dá certo. Na páscoa do mesmo ano, mudam para a casa nova, que segundo ele estava vazia, não tinha móveis.

De maio de 2010 até hoje, o casal começou a comprar os móveis da casa. Em julho, do mesmo ano, viajam para Campos de Jordão, e também fizeram com os amigos uma festa Junina e feijoada em uma chácara. Em setembro de 2010 fizeram um aniversário comunitário na casa, onde os aniversariantes eram: Bia, Marcos e um amigo. Segundo ele foi a primeira grande festa na casa nova, e desde então a churrasqueira não esfriava, pois todo fim de semana faziam churrasco com os amigos.

Diz que ele e a mulher gostam muito de festas. Em setembro/outubro houve a chegada da cachorra Meg.

Em Novembro de 2010 o irmão de Marcos deixa de falar com eles também, pois estavam viajando (Igaratá) e não foram em seu aniversário, apenas ligaram. Em dezembro passaram o primeiro natal na casa nova, e o ano novo passaram em na praia com amigos e parentes de ambas as partes. Em janeiro viajaram para Bahia e receberam a ligação da psicóloga responsável por marcar nosso encontro.

Na linha do tempo da história de sua família, Marcos, coloca o nascimento de todos os membros, falecimento, casamentos, nascimento dos filhos de seus irmãos, adoções e abortos. Mostrando que nesta esfera o que é importante para ele é a continuidade da família.

Desenho Livre (Anexo B)

Marcos falou que não sabia desenhar, mas logo pegou o giz de cera azul e fez dois riscos, os quais formam o horizonte e as ondas na areia. Depois pegou o giz branco e passou em cima das dos riscos azuis, como se fossem a espuma do mar. Logo em seguida trocou o giz, pegando novamente o azul e preencheu o mar com ele deitado, fez isto de uma forma suave sem pressa. Depois pegou o giz amarelo e com ele deitado fez a areia, em seguida pegou o giz laranja e fez um arco e o preencheu, fez os reflexos do sol no mar azul. Por último pegou o giz preto, fez o barco no centro do sol e finalizou desenhando as duas gaivotas do lado direito.

Pedi para Marcos contar um pouco sobre o desenho e o que levou ele a optar pelo tema. Ele falou que é o por do sol, que ele gosta muito de ver por do sol na praia, e que neste desenho ele tentou imitar uma foto que havia tirado em uma de suas viagens para a praia. Ele descreveu um pouco o desenho, falando que no centro há um barco, duas gaivotas a direita, a areia e o céu limpo.

Ao olhar o desenho, em um primeiro momento, me vem um sentimento de calma e serenidade. Sinto-me relaxada e tranquila neste lugar, é uma paisagem bucólica. Em um segundo momento sinto solidão, pois parece que não tem ninguém comigo nesta praia. O mesmo sentimento, de calma, me veio no momento em que Marcos começou a desenhar, ele não tinha pressa, fazia os traçados e pintava com leveza e de uma maneira suave.

Pontos do desenho que me causaram estranhamento ou chamaram atenção foram os rabiscos azuis do lado esquerdo e a figura preta no meio do sol. Em relação

aos traçados fortes em azul, não consigo identificar se são veleiros ou apenas riscos aleatórios. Ao olhar para a figura preta no meio do sol, pela primeira vez, pensei que era um barco.

As linhas que fazem o horizonte e as ondas da praia também me causaram estranhamento, pois são mais fortes, mais duras, que as demais. Dando a impressão que o mar está separando o sol da terra, como se fosse um bloco rígido, não integrante, parece que mar e terra se encontram rigidamente separados. Ao contrário do que acontece de verdade, pois o mar e a areia estão integrados, juntos formam a praia, apesar de haver uma distinção nítida de ambos.

O sol é o barco são os elementos centrais do desenho. E estabelecem uma relação de grande e pequeno, onde os dois chamam atenção pelo tamanho, o sol grande e imponente e o barco pequeno, com sua forma quase imperceptível, como um borrão ou sombra. Também podemos perceber que o sol está em movimento, se ponde, enquanto que o barco está parado, naufragado no meio do mar.

Segundo o Dicionário de Símbolo de Chevalier (2007), utilizado aqui para ampliar os significados dos símbolos que apareceram nos desenhos, o barco (barca) simboliza a viagem, a travessia, seja ela realizada por vivos ou por mortos. A barca dos mortos é encontrada em diferentes culturas, como na Oceania e no Egito. Em ambas regiões é muito difundida a crença em que os mortos acompanham o Sol no Oceano, transportados pelas barcas solares. Esta viagem subterrânea que é realizada pela barca solar, é interpretada pela psicanálise como uma exploração do inconsciente. Para G. Bachelard, a barca conduz ao renascimento, ao redescobrimento do berço; no mesmo sentido, evoca o seio ou o útero; a primeira barca é, talvez, o ataúde. Vale ressaltar que a vida presente também é uma navegação perigosa. Assim, deste ponto de vista, a imagem do barco é um símbolo de segurança, que favorece a travessia da existência

Já o Sol, para muitos povos é o próprio Deus, ou uma manifestação da divindade, como por exemplo, o olho do Deus supremo. Ele é considerado o fecundador, mas também pode queimar e matar. Ele é a fonte da luz, do calor, da vida. Seus raios podem representar as influencias celestes – ou espirituais – recebidas pela Terra. Além de dar vida, o brilho do Sol manifesta as coisas, não só por torná-las perceptíveis, mas por representar a extensão do ponto principal, por medir o espaço, assim ele também é o símbolo da consciência.

O sol aparece sempre associado a Lua, como um par de opostos, um casal. Em algumas culturas o sol representa o masculino e a lua o feminino, mas isso não é regra. Pois no Japão e entre os montanheses do Vietnã do sul, o Sol que é o feminino e a Lua o masculino. Assim como na língua alemã. Isto acontece, pois o aspecto feminino é considerado ativo, por ser fecundador; para os radhes, é a Deusa Sol que fecunda, incuba e dá a vida. Para os dogons do Mali, cujo sistema cosmogônico é inteiramente dominado pelo simbolismo lunar, o Sol não é macho, mas fêmea. Ele é descrito como um pote de barro cercado de uma espiral de oito voltas de cobre vermelho. É assim, o protótipo da matriz fecundada: o pote de barro representa a matriz feminina que contém o princípio vital.

Ele, também, é um símbolo universal do rei, coração do império. Se a mãe do imperador WU dos Han deu à luz depois de ter sonhado que o Sol entrava no seu seio, o Sol aqui não é só um símbolo de fecundação, mas, principalmente, símbolo imperial. E entre os povos de mitologia astral assim como nos desenhos infantis e nos sonhos, o Sol é o símbolo de pai. Para a astrologia, igualmente, o sol sempre foi o símbolo do princípio gerados masculino e do princípio de autoridade, do qual o pai é, para o indivíduo, a primeira encarnação. No horóscopo, o Sol representa a opressão social de Durkheim, a censura de Freud, de onde derivam as tendências sociais, a civilização, a ética e tudo aquilo que é importante no ser. Sua gama de valores estende-se do superego negativo, que esmaga o ser com proibições, princípios, regras ou preconceitos, ao ideal de ego positivo, imagem superior de si mesmo, cuja grandeza procuramos alcançar.

Podemos perceber que o símbolo sol e barco tem vários significados opostos, como a relação consciente e inconsciente, em que a viagem do barco solar pode ser comparada a uma exploração do inconsciente e o sol é símbolo da consciência. Também percebemos uma relação de luz e sombra no desenho, em que a luz é muito maior que a sombra. Porém, eles também têm significados semelhantes, os dois estão relacionados ao útero e a possibilidade de gerar. Porém há uma diferença, o sol é fecundador, tem a capacidade de fecundar, incubar e dar a vida. Já o barco apenas incuba, ele carrega o que é preciso, e dependendo de sua estrutura, do material e a forma que é construído, ele se torna seguro para a travessia.

O mar está calmo, sem ondas. Segundo o dicionário de símbolos, o mar simboliza a dinâmica da vida, pois tudo sai e tudo retorna a ele, sendo o lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. É água em movimento, símbolo de um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades

configuradas, uma situação de ambivalência, que é a da incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal. É deste significado que vem a imagem do mar como vida e morte. Ele também simboliza o inconsciente, de suas profundezas surgem os monstros, fortes correntes que podem ser mortais ou vivificadoras. Para os místicos ele é o símbolo do mundo e do coração humano, enquanto lugar das paixões. Gregório Magno escreveu: Eu escapava do naufrágio da vida, a propósito de sua entrada no mosteiro. Segundo ele para atravessar o mar, é necessário um navio; o casamento é um navio frágil; em contrapartida, a vida cisterciense é comparável a um navio sólido.

A areia aparece clara e em pouca quantidade comparada ao mar, seu simbolismo vem da quantidade de seus grãos. Os punhados de areia jogados durante certas cerimônias xintoístas representam a chuva, o que é, ainda, uma forma de simbolismo da abundância. Por ser fácil de ser penetrada e plástica, a areia abraça as formas que a ela se moldam; sob este aspecto, é um símbolo de matriz, de útero. O prazer que se experimenta ao andar na areia, deitar sobre ela, afundar-se em sua massa fofa – manifesto nas praias – relaciona-se inconscientemente ao *regressus ad uterum* dos psicanalistas. É, efetivamente, como uma busca de repouso, de segurança, de regressão, é assim que a areia é definida no dicionário de símbolos.

Ao me transpor ao desenho, e ser o barco, me sinto solitário no meio do mar, parado, sem objetivo, apenas contemplando a paisagem. Sinto medo do sol enorme e imponente atrás de mim, talvez um pai, um rei, regras, valores sócias, um ideal de ego a ser alcançado; e eu apenas um barco, borrado, uma sombra pequenina. Estou muito longe da praia, da areia, da abundância de seus grãos. E o barulho do mar me parece monótono.

O par de gaivotas, único elemento repetido do desenho, também está muito pequeno em relação a imensidão dos elementos naturais, sol, mar e areia. O par de gaivotas me remete ao casal, Marcos e Bia, em suas viagens da vida e de lazer. Um tem o outro, mas como casal estão sozinhos. Sendo o barco Marcos se encontra parado no meio do oceano, agora ao ser uma gaivota e ter a companhia de outra, ele encontra-se em movimento, voa em direção ao sol, aos ideais.

Chevalier (2007) descreve que, segundo um mito dos índios lilloets, a gaivota era primitivamente proprietária da luz do dia, que ela conservava ciumentamente dentro de uma caixa, apenas para seu uso pessoal. O Corvo, com sua astúcia, consegue romper a caixa em benefício da humanidade e organiza uma expedição ao país dos peixes, a bordo da barca da gaivota (barca da luz) para conquistar o fogo.

Ao entrar no desenho e ser a gaivota me sinto bem por ter alguém voando comigo, porém estamos a sós, solitárias, voando no vazio. Tenho a impressão que a direção que seguimos é contrária a praia, a terra, onde posso encontrar um lugar para pousar. Estou indo em direção ao automar, e apenas eu sou um ser vivo nesta paisagem.

O desenho, como todo, é cheio, bem preenchido, poucos espaços estão em branco. Porém a sensação que tenho ao olhá-lo é de um lugar vazio. O desenho me parece estereotipado, talvez por ser de fácil reprodução.

A cor predominante é o azul, porém em tom claro, assim como a areia – feita em amarelo claro. A única cor mais forte e que se destaca é o laranja do Sol.

Desenho da Árvore (Anexo C)

Marcos começou o desenho pelo tronco, com o giz marrom, a folha de papel esta em pé mas faz o desenho na horizontal. Parece calmo durante todo o desenho, na hora de trocar o giz derruba o lápis amarelo e o quebra, fica um pouco nervoso e se desculpa com uma brincadeira. Pega o giz verde escuro e faz a copa da árvore, depois o vermelho e faz os frutos, tem uma pressão suave. Enquanto desenha cobre o desenho com o braço que esta do meu lado e fica um pouco inclinado com o corpo para conseguir desenhar na horizontal com o papel em pé. Depois preenche a copa e os frutos suavemente. Por último faz o chão com o giz verde claro.

Marcos respondeu que a árvore “pode ser uma macieira” apesar de nunca ter visto uma, que ela está em um campo gramado e sozinha. O tempo esta limpo com nuvens brancas, e ela é velha, tem aproximadamente 80 anos. Pergunto se apesar de ter 80 anos ela ainda produz frutos, ele diz que sim, dá frutos. Ela esta viva e precisa de chuva.

Peço para ele imaginar-se pegando uma maçã da árvore, pergunto onde ele estaria. Ele fala que estaria do lado esquerdo dela, de frente para o tronco com a mão estendida. Ele pensa um pouco e fala, “mas acho difícil pegar um fruto porque esta árvore me parece muito grande, precisaria de uma escada e imagino a maçã muito grande, do tamanho de uma abóbora, difícil de pegar”.

Ao olhar a árvore que Marcos desenhou sinto uma apatia, não me passa nada. Tenho a impressão de ser um desenho estereotipado, pouco criativo, talvez por ter escolhido fazer uma macieira. A árvore que ele desenhou realmente me deu a impressão de ser grande, mesmo antes dele comentar isto no inquérito.

O que me chamou muita atenção no desenho foi um desenho que se assemelha a um veleiro na parte superior do tronco. Remete ao barco do primeiro desenho, e ao comparar percebo que estão na mesma altura da folha e quase no mesmo lugar. Porém só percebi este detalhe depois do encontro com Marcos, assim não tive a oportunidade de questioná-lo sobre isto.

A raiz também me chama bastante atenção, em um primeiro momento ela parece estar transparente, mas ao olhar de novo percebo que a árvore está bem enraizada. E a raiz é tão grande que suas nervuras saltam da terra.

O que é central no desenho é a copa da árvore e a parte superior do tronco, onde vi um veleiro. Para mim parece que a mesma relação encontrada no primeiro desenho, entre sol e barco, aparece entre copa e veleiro.

O desenho é proporcional, a copa, o caule, as raízes e os frutos são proporcionais entre si, mas a árvore é muito grande em relação ao chão, a terra. Parece que uma terra tão fina e frágil não aguenta sustentar uma árvore tão grande. A areia do primeiro desenho e a grama deste desenho tem a mesma espessura.

Em relação a distorções o tronco aparece distorcido, ele aumenta de espessura de baixo para cima e está inclinado para a direita. A copa também parece distorcida, assim como o tronco a parte de baixo é menos volumosa que a de cima.

Neste desenho também há objetos repetidos, e neste caso são as maçãs da árvore. Em relação a perspectiva dá a impressão que a árvore esta sendo olhada mais próxima da copa e afastada da raiz.

Ao entrar no desenho e ser a árvore me sinto sozinha em um campo tão grande. Mas estou plena. Tenho a sensação de estar caindo para o lado direito apesar de não ter vendo ou alguma coisa que possa me derrubar.

Percebe-se um sombreado na parte superior do tronco, onde vejo o veleiro. O próprio veleiro é sombreado. O desenho está cheio, a árvore esta preenchida e o chão também, só o céu está em branco, o que faz destacar a árvore. A copa, tronco e da raiz, tem um contorno mais forte do que as frutas e a grama.

Ao olharmos para os aspectos formais do desenho da árvore (tema, posição, simetria, estereotipia, sombreado), percebemos que o tema escolhido, macieira, é comum, o que indica falta de indicio de originalidade e fantasia. A posição da árvore é inclinada à direita, o que sugere dedicação, capacidade de entrega pessoal, disponibilidade para o sacrifício e para servir os outros, mas também influenciabilidade

e fraqueza de domínio; fixação no futuro e/ou desejo de esquecer um passado infeliz. O desenho não possui simetria, o lado direito encontra-se mais largo que o esquerdo, tanto em relação ao tronco como a copa. A raiz é a parte da árvore mais simétrica, mas mesmo assim, tende para o lado esquerdo, contrária a tendência geral da árvore. Segundo a autora, a assimetria evidente pode indicar insegurança.

Os aspectos de conteúdo da árvore, ou seja as zonas em que está é dividida, como raiz, caule, tronco, copa, etc. Também foram analisados.

A raiz tem inúmeras funções e, portanto vários significados. É ela a responsável em retirar o alimento da terra, apoiar e segurar a árvore no chão. Ela é quase terra, mas é o vivo no mineral, é invisível e subterrânea – pode ser assimilada a um arquétipo: a Mãe Terra – daí o preso à tradição, apego ao solo, enraizado, lento, pesado; mas também busca de apoio, estabilidade.

A raiz, no desenho de Marcos, aparece ramificada em três partes que parecem fortes. A do meio é pontiaguda, e as das laterais não, mas se estreitam longitudinalmente. Elas aparecem com uma parte exposta, fora da terra, não estão totalmente submersas. Segundo Kolck (1984), raízes em cima da terra realizadas em traço duplo, que realmente aparecem em determinados tipos de árvores, podem significar um maior domínio do superego. Segundo a mesma autora a ramificação indica uma riqueza e sensibilidade ao inconsciente. Porém, percebemos no desenho que esta ramificação é singela. A árvore, aparentemente, se sustenta por três eixos principais.

O solo do desenho é a grama. Feita em giz de cera verde claro, ela é quase imperceptível, não existe uma linha forte que demarca a divisão entre céu e terra. Em relação a árvore, o solo acaba na base do tronco, onde as raízes começam, dando uma noção de profundidade. Assim o campo que a árvore está parece grande e vazio. E ao mesmo tempo parece frágil, dando a impressão que não aguenta sustentar esta árvore tão grande. O solo também tem uma inclinação crescente para a direita da folha, ou seja, na parte esquerda ele tem menos área que na direita.

Segundo Kolck (1984) quando a linha da terra é desenhada acima da base do tronco, pode significar uma indiferença em relação à realidade, alienação, atitude passiva. A inclinação pode indicar incerteza, instabilidade, desamparo frente as pressões do ambiente.

O tronco, que tem como significado geral ser a parte estável da árvore da suporte da copa, elemento substancial e durável, muitas vezes associado ao ego

freudiano. Aparece grande e bem delimitado, no desenho. Sua base é mais fina e vai engrossando até o topo. Em seu cume há três ramificações que lembram as raízes. A ramificação do meio, como a da raiz, é mais pontiaguda, e me remete à um veleiro. As linhas laterais da árvore são únicas, ou seja, feitas apenas com um traço forte, mais escuro que a pintura. Ele, também é aberto para a copa.

A copa, que significa ponto de contato da árvore com o ambiente; campo de expressão da árvore; zona de relação recíproca entre o de dentro e o de fora; zona de assimilação, de respiração; portanto plano de realização da personalidade, contato com os outros, comportamento em relação à realidade. Aparece grande e gorda, lembra uma nuvem, com o topo achatado e a parte inferior menor. Ela é maior na horizontal do que na vertical, parece contida pelo limite da folha. Podemos separá-la em três “gomos” um maior, que abrange quase toda a copa, e dois menores, localizados perto do tronco. Ela é formada por um único traçado, assim como o tronco, é mais forte que o preenchimento. Existem dois riscos que estão fora da copa.

Possui cinco frutas, espalhadas com um certo equilíbrio pela copa, duas do lado esquerdo, duas do direito, e uma no meio. Ao imaginarmos uma linha que une estas cinco frutas elas formam um pentágono, em que no centro deste ficaria o veleiro do tronco. A pintura da copa em geral é bem distribuída, há apenas uma concentração de cor no gomo menor do lado direito. Em relação a direção do giz na pintura, há uma predominância do preenchimento na horizontal, apenas do lado esquerdo, perto do contorno da copa, há traçados realizados na diagonal.

Segundo Kolck (1984), pessoas que desenharam a copa em arcada, tem amor a forma, delicadeza, urbanidade, e pode ser uma pessoa prestativa e cortês. E quando a copa se apresenta achatada em cima pode indicar sentimentos de insuficiência, sentimentos de estar sob pressão, obediência não desejada, necessidade de complemento inibida. Em relação a massa da copa, a autora diz, que se esta se concentra para a direita, pode significar um caráter bondoso e benevolente.

Os frutos tem um significado geral de objetivo, resultado, fim e fertilidade. Quando estes se apresentam grandes, podem indicar que o essencial está em segundo lugar; e a disposição simétrica indica uma estereotipia. O fato de estarem incrustados na copa, pode significar fantasia ingênua, uma visão infantil do mundo.

Desenho Temático (Anexo D)

Depois de dar a instrução – desenho o que significa a infertilidade para você - Marcos demora mais tempo que os desenhos anteriores para começar. Fica

pensando, e fala que este irá ser difícil, não tem ideia do que fazer. De repente pega o lápis preto e faz um círculo na folha, me entrega e fala “é o vazio”.

Ele fala que é o vazio, que como homem, macho da espécie, tem a obrigação de dar a ela um filho. Fala que a sociedade cobra muito, as pessoas enchem o saco dele (fala com muita raiva), parece que falta algo. Pergunto se ele sempre quis ter filhos, ele fala que nunca havia pensando muito nisso, que sua preocupação sempre foi conseguir uma estabilidade financeira primeiro. Pois quer dar uma condição para o filho, quando tiver um. Também fala que não se abala com a impossibilidade de ter um filho, que o pior são as cobranças dos outros, família e amigos.

Falo para ele que o desenho que ele fez me parece um ovo, ele me responde dizendo com ar solene: “não, é um buraco”.

O primeiro sentimento que me ocorre quando vejo o desenho é tristeza. Sinto um vazio, parece que não há vida, é um desenho frio. Este desenho me surpreendeu, depois de dois desenhos coloridos, não esperava um desenho monocromático. Porém, em uma segunda vista vejo um ovo, o que me faz sentir esperança, uma possibilidade em meio ao nada.

Muitas coisas me causaram estranheza no desenho, como o bico que a bola tem, a falta de desenho, a falta de cores e a falta de empenho de Marcos ao realizá-lo. Pois, apesar de ter pensado por mais tempo para realizar o desenho, comparado as outras produções gráficas, quando concretizou sua ideia foi muito rápido, desenhou instantaneamente. Tive a impressão que queria terminar logo, tentou dar uma resolução rápida a sua angustia em relação ao tema. Isto também aparece em sua fala, ao terminar o desenho fala “é o vazio”, como se já aguardasse o meu inquérito. Quando tento dialogar com ele, colocando meu ponto de vista e buscando ampliar o sentido do desenho, ele me impede dizendo “não, é um buraco”. Desta forma, fico com sua interpretação, vazio e buraco.

O Buraco simboliza a abertura para o desconhecido. No plano do imaginário, o buraco é mais rico de significado que o simples vazio: é repleto de todas as potencialidades daquilo que o preencheria ou que passaria por sua abertura; é como a espera ou a súbita revelação de uma presença. O buraco pode ser simbolicamente considerado como o caminho do parto natural da ideia. Entre ele e o vazio há a mesma diferença que entre a privação e o nada. Essa distinção é tão verdadeira que o buraco aparece como o símbolo de todas as virtualidades. Sob este aspecto, está ligado aos símbolos da fertilidade no plano biológico, e da espiritualização, no plano

psicológico. Os índios viam nele ao mesmo tempo a imagem do órgão feminino, por onde passa o nascimento ao mundo, e uma porta do mundo, por onde a morte permite que se escape das leis daqui da terra. Assim o buraco tem um duplo significado imanentista e transcendental, abre o interior ao exterior, abre o exterior ao outro (CHEVALIER, 2007).

Ao me colocar dentro do desenho, não consigo ser o buraco ou o vazio que é denominado por Marcos. Vejo-me dentro do desenho como eu mesma, perambulando, pequenina por esta forma geométrica. Sinto muita angustia, pois tenho a impressão que estou no meio do nada, no vazio.

Ao pensar no ponto focal encapsulação, parece que o próprio buraco é uma capsula. O círculo delimita uma área, que é vazia. Há uma relação de figura-fundo, a forma que Marcos desenho fecha uma gestalt, não só no próprio desenho, mas na série desenhada. Este último desenho se relaciona com os anteriores e finaliza, de forma pertinente, a série de três desenhos.

Todos os Desenhos

Ao traçar uma linha imaginária dividindo a folha em dois lados, o desenho é separado em dois, esquerdo e direito. E se traçarmos outra linha, perpendicular a primeira, obtemos duas partes, a superior e a inferior. Podemos analisar estas linhas separadas, ou seja, apenas lado direito e esquerdo e depois parte superior e inferior. Ou juntas, formando quatro quadrantes, onde o primeiro é o canto superior direito, o segundo o canto inferior direito, o terceiro o canto inferior esquerdo e o quarto o canto superior esquerdo. Segundo Furth este ponto focal, algumas vezes é visto como certa rigidez por aqueles que irão interpretar o desenho. Desta forma, a análise dos quadrantes separadamente deve ser feita com cuidado e sempre tendo em mente que a totalidade do desenho é mais importante do que olhar apenas para suas partes.

No primeiro desenho realizado, desenho livre, apesar de todo espaço da folha ser utilizado, percebe-se uma concentração do desenho no lado direito do papel. O sol, o barco e as gaivotas estão neste lado. Segundo o mesmo autor, indivíduos que o desenho tende mais para o lado direito da página, tende para a consciência. E desta forma, é capaz de exercer controle sobre seu comportamento, procura satisfação em áreas intelectuais e dá ênfase a eventos futuros. Também há um maior preenchimento da parte inferior do desenho, a qual está completamente cheia em oposição a parte

superior que apresenta espaços em branco. O mesmo autor diz que se a maior parte do desenho se encontra na metade inferior do papel, o indivíduo pode ser considerado guiado pela realidade, mais concreto, pé no chão. Muitas vezes podendo se sentir inseguro e inadequado frente a problemas de sua vida e do mundo.

Já no segundo desenho, o da árvore, apesar deste estar bem distribuído em todo papel, percebe-se que se concentra mais ao lado esquerdo da folha. Para Furth, uma maior utilização do lado esquerdo do representa conteúdos inconscientes.

No terceiro desenho, representação da infertilidade, apesar de ser um desenho central ele se desloca mais para a esquerda também. O meio do círculo que foi desenhado não está no meio da folha, e sim mais para a esquerda.

Ao olharmos os três desenhos, percebemos uma compensação entre eles. Principalmente, no que diz respeito ao lado direito e o esquerdo, do primeiro e segundo desenho. Por o primeiro se concentra mais a direita e o segundo mais a esquerda, quando olhados juntos contra a luz percebemos um preenchimento maior da folha. Quando adicionamos o terceiro desenho, e olhamos contra a luz, percebemos que este delimita e ressalta um espaço formado pelos outros dois desenhos. Dentro da mandala ficam o sol, o barco, o veleiro da árvore e um pedaço do tronco. Assim, os dois barcos ficam alinhados, dando a impressão de estarem um de frente para o outro, ou um seguindo o outro. A posição dos dois barcos me remeteu as duas gaivotas do primeiro desenho.

Ao olhar os três desenhos em série, lado a lado e na ordem que foram feitos, percebo que a quantidade de elemento nos desenhos decai. Na medida em que os desenhos se tornam mais específicos e delimitados, Marcos demonstra maior dificuldade em se expressar graficamente. O que pode indicar que para ele é um esforço expressar um sentimento mais específicos.

6 DISCUSSÃO

A semente nova tem fé. Ela se enraíza mais fundo nos lugares que estão mais vazios.

Clarisse Pinkola Estés

Como vimos no capítulo “A trajetória do Pai”, a masculinidade hegemônica atual, está relacionada, principalmente, com uma prática de gênero que busca garantir um homem forte fisicamente, bem-sucedido na sociedade, estável e capaz de defender a si próprio e a comunidade. Características, estas, valorizadas pelo dinamismo patriarcal, no qual estamos atravessando como sociedade. O casamento e a paternidade, também estão inseridos neste modelo de gênero. Desta forma podemos inferir que a infertilidade é um fracasso perante o modelo imposto pela masculinidade hegemônica e pelos valores de nossa sociedade, pois o poder e o sucesso não são alcançados no âmbito da paternidade. O que leva o homem infértil a não atingir o modelo hegemônico masculino.

Segundo Delgado (2007) um dos aspectos que leva o homem e a mulher a desejarem ter um filho é a motivação social. Esta é caracterizada por ser aquilo que é socialmente esperado. Pode ser uma exigência social e uma forma de pertencer a uma certa comunidade, fazendo parte dos ideais e valores desta. Assim, ser pai e mãe pode ser visto, em determinadas culturas, como um papel central da vida e objetivo primário da idade adulta.

A exigência social é observada tanto no discurso de Marcos como no desenho da árvore. Em seu discurso ele fala que não se abala tanto com a impossibilidade de ter um filho, mas o que mais o incomoda são as cobranças dos outros (familiares e amigos). No desenho da árvore apareceram indicativos de desamparo frente as pressões do ambiente (inclinação do solo), sentimentos de estar sob pressão e obediência não desejada (copa achatada na parte de cima).

A impotência trazida pela infertilidade, diante das expectativas e cobranças sociais, também aparece nos desenhos. No desenho livre está impotência é percebida se observarmos a relação sol-barco. Ao entendermos o barco como a representação de Marcos no desenho, e o sol, como o padrão de homem imposto pela sociedade, percebemos uma relação de grande e pequeno. Assim como em sua vida, ele se sente pequenino diante de um padrão de homem que é colocado pela sociedade como

sendo o ideal, o homem fértil, que consegue dar a sua mulher o filho desejado. Além de ser pequeno diante do sol, o barco se encontra parado no meio do oceano, muito afastado da areia. O mar compacto no desenho, parece impossibilitar a ida do barco até a areia, lugar do repouso e da segurança. Assim o barco se encontra parado entre o Sol e a Areia, entre o ideal e o possível, como Marcos em sua viagem pela busca do ser homem.

A impotência também aparece no desenho da árvore. No inquérito Marcos relata que os frutos da árvore são muito grandes, do tamanho de abóboras, e que para pegá-los precisaria de uma escada, pois estão localizados no alto. Os frutos podem ser relacionados com a fertilidade e objetivos, e isto indica como é difícil para Marcos alcançá-los e como estes são pesados para ele. A mesma relação do sol com o barco, de grande e pequeno, é presente entre os frutos e Marcos, estes são intangíveis para ele, por serem enormes e estarem no alto. Ao analisarmos os aspectos de conteúdo da árvore, também percebemos aspectos que indicam a impotência, como o sentimento de instabilidade e incerteza (solo inclinado), insegurança (assimetria da árvore).

Na análise do desenho da árvore, também percebemos características da personalidade de Marcos que remetem ao feminino, como a delicadeza, o fato de ser prestativo, disponível para os outros, dedicado e cortês. Características que também foram percebidas nos encontros, pois Marcos sempre se mostrou disponível e muito educado, compreendendo a necessidade da pesquisadora. Sua delicadeza também aparece no momento em que realiza os desenhos, a execução sempre foi feita de maneira, calma, serena e cuidadosa, sem agressividade.

Em todos os desenhos existem referências ao feminino, sejam elas na expressão gráfica, pelo fato dos desenhos apresentarem formas circulares, arredondadas e cheias de curva; como é visto no sol, as ondas, as gaivotas, a copa da árvore, as maçãs e o buraco. Assim como no significado simbólico destes elementos. Não há nenhuma figura viril ou pontiaguda, que remeta ao masculino, acredito que o mais próximo disso é o barco e as raízes da árvore. E mesmo assim este aparece pequeno e quase imperceptível diante da magnitude da paisagem.

As características de sua personalidade, que mostram uma maneira de lidar com o mundo de forma mais feminina, nos remetem as transformações que estão acontecendo com o papel social do homem, relatadas nos capítulos teóricos desta pesquisa por vários autores (BYINGTON, 1988; FARIA, 2003; MACIEL JR, 2008).

Apesar da sociedade atual, por um lado, valorizar códigos pautados na dinâmica patriarcal, como o sucesso e poder; expressos pela valorização do status social, do poder econômico e o condicionamento do trabalho ao sucesso; e desvalorizar, a falha, o fracasso e impotência (BYINGTON, 1988). Por outro lado, ela se encontra mais aberta para aceitar e valorizar características de personas que antes eram apenas femininas, nas personas masculina, e vice-versa. Assim os padrões hegemônicos tradicionais masculinos estão sendo reformulados no que diz respeito ao papel de pai e de marido, levando o homem a atual a ter uma ambivalência em seu papel. (FARIA, 2003; MACIEL JR, 2008).

Marcos, apesar de mostrar uma sensibilidade feminina, valoriza aspectos da dinâmica patriarcal. Podemos observar isto em sua linha do tempo, nos desenhos e em seu discurso. Na linha do tempo ele enfatiza alguns pontos como a importância da educação e do trabalho. Ele sinaliza o início e término de todos estudos que realizou, desde o ensino fundamental até a faculdade. Também aponta quando começou a trabalhar, as demissões, os novos empregos e promoções de cargo. Este aspecto também aparece na análise dos desenhos, a tendência de Marcos desenhar do lado direito da folha e preencher a parte inferior do papel, indicam que ele tem uma tendência a consciência, e busca se satisfazer em áreas intelectuais, além de indicar uma pessoa guiada pela realidade, concreta. O que reflete no seu desejo de primeiro buscar alcançar estabilidade financeira e depois ter um filho.

Outro tema que aparece nos desenhos e na linha do tempo de Marcos é a viagem. Na linha do tempo ele enfatiza as suas viagens, coloca o ano e mês da primeira vez que foi a praia e as viagens que realiza até hoje. Ele sempre viaja com sua mulher, as vezes amigos e familiares os acompanham, e a maioria das viagens são para praias. Seu desenho temático é uma praia e relata que tentou imitar uma foto que tirou em uma de suas viagens.

Ao refletirmos, nos perguntamos para onde estas viagens o levam, percebemos que como barco (desenho livre), Marcos se encontra parado no meio do mar. Mas ao ser o casal gaivotas, que pode ser representado por ele e por sua mulher, e portanto ter companhia ele se encontra em movimento. Voa em direção ao sol, aos ideais que este simboliza, como a fertilidade. Esta observação nos faz refletir a respeito do objetivo que é almejado. O desejo de seguir uma direção é de Marcos ou de sua mulher? Isso nos remete a dissertação de Motooka (2008), que conclui que muitas mulheres inférteis não indicam a vontade de ter um filho como desejo seu, mas

do parceiro ou da família. Poderíamos transpor esta situação para Marcos, que diz que nunca pensou em ter filho, mas que busca isso para satisfazer um desejo da esposa.

A solidão é uma temática, que de alguma maneira, permeiam os desenhos, a linha do tempo e o discurso de Marcos. No desenho livre, a praia é deserta, o barco se encontra sozinho no meio do oceano, e o par de gaivotas voa sozinho na imensidão da paisagem. No desenho da árvore, Marcos fala que ela está localizada sozinha em um campo, e no desenho temático o próprio vazio remete a solidão. Não é só Marcio que nomeia esta solidão, os observadores também a sentem, ao olharem os desenhos. Na linha do tempo o tema também aparece, Marcos conta que sua mulher sentiu-se muito sozinha quando mudaram de casa, e relaciona sua depressão, também a solidão.

A literatura (DELGADO, 2007) aponta que muitos casais inférteis se referem a um sentimento de isolamento, pois evitam relações sociais com o intuito de esconder o seu problema, para evitar a vergonha, a pena e os conselhos indesejados. Principalmente os homens, procuram não falar abertamente sobre a infertilidade, por considerarem um assunto privado e acreditam que ninguém pode compreender a extensão do seu sofrimento. O fato da paternidade ser importante para a identidade de gênero do casal e individual, e perpassar pela constituição do papel de homem e mulher, a impossibilidade de ter filho gera vários sentimentos no casal, como medo, ansiedade, tristeza, frustração, desvalia, vergonha, quadros de estresse ou depressivos, que podem levar o casal ou o indivíduo ao isolamento social.

Também é descrito que a infertilidade é sentida como uma fonte de alteração no relacionamento do casal. Na maioria das vezes o casal se aproxima, fortalecendo a relação e melhorando a comunicação. Acreditamos que é o caso de Marcos e sua mulher, pois a temática do casal também é muito presente nos desenhos e em sua fala. Um exemplo disto é o par de gaivotas, ele nos remete ao casal. E ilustra a dinâmica do estar “sozinho em conjunto”, que pode ser trazida pela infertilidade. Talvez a solidão esteja relacionada com a temática da infertilidade, por deixar o casal coeso, deixando-os unidos na problemática.

O vazio é outro tema muito presente nos materiais analisados. A literatura mostra que mulheres inférteis relatam sentir tristeza, angústia, frustração, impotência, incapacidade, ansiedade e sensação de vazio (MOTOOKA, 2008). Na linha do tempo o vazio aparece de forma quase despercebida, ele fala desta temática quando conta a mudança para a casa nova, e escreve que a casa encontrava-se “vazia”. Também, em todos os desenhos de Marcos o vazio aparece, seja indiretamente ou diretamente.

Nos dois primeiros desenhos, livre e da árvore, ele aparece de uma forma sutil, associado com a solidão. No desenho livre a praia é deserta e está vazia, e no da árvore o campo que ela esta localizada está vazio. Só no último desenho, desenho temático, é que o vazio é expresso verbalmente e graficamente. A primeira frase que utiliza para explicar seu desenho, o qual é representação da infertilidade para ele, foi “é o vazio”, e a segunda foi “é um buraco”. Desta forma para Marcos a infertilidade é simbolizada pelo vazio e pelo buraco. Apesar de Marcos realizar o desenho temático rápido, o que percebemos como uma fuga para não entrar em contato com sentimentos que a infertilidade desperta nele, ele acaba falando claramente sobre seu problema, de forma simbólica, ao declarar que o a infertilidade – representada pelo desenho- é o vazio, e um buraco.

Segundo Chevalier (2007), a diferença entre o buraco e o vazio é a mesma presente entre a privação e o nada. Ou seja, na privação existe um objeto ou coisa, que foi tirada ou impedida a alguém. Já o nada é a não-existencia, assim não há nenhum objeto. Essa distinção é tão verdadeira que o buraco aparece como o símbolo de todas as virtualidades. E é mais rico de significado que o simples vazio: é repleto de todas as potencialidades daquilo que o preencheria ou que passaria por sua abertura; é como a espera ou a súbita revelação de uma presença. E muitas vezes é relacionado com a fertilidade e abertura para o desconhecido.

O vazio também remete a uma das histórias contadas no livro “O Jardineiro que tinha fé” de Clarissa Pinkola Estés. Esta história é sobre seu tio, um homem que enfrentou a realidade dos campos de concentração e conseguiu se refugiar na América. Ele tinha uma relação muito íntima com a terra e com as árvores. “Conhecia a terra como conhecia as rugas no seu rosto, como conhecia as veias nas costas de suas mãos” (ESTÉS, 1996, p. 35). E a possibilidade de voltar a ter contato com o campo e com a floresta, de poder caminhar pelas árvores quando as lembranças da guerra vinham a sua memória, estava o ajudando a se recuperar de tudo que tinha passado na guerra. Porém, um dia, a comissão rodoviária estadual veio até a comunidade rural que moravam para anunciar que o estado iria desapropriar terras para construir uma estrada. Desapropriariam campos e florestas inteiras. Terras que estavam sendo fatores essenciais na cura das pessoas devastadas pela guerra. Tal acontecimento era apavorantemente semelhante, para seu tio, para outros familiares refugiados e para vizinhos, às profundas aflições sofridas na guerra, suas terras estavam sendo ocupadas contra vontade. Isso fez com que seu tio enlouquecesse, ele ficou muito bravo, protestava contra as máquinas e funcionários. Em uma noite, quando a estrada tinha acabado de ficar pronta, ele preparou a terra e ateou fogo no

que sobrará do campo. A chama era enorme, e todos que puderem perceber seu calor ou ver suas faíscas se aproximaram, e balançavam a cabeça em sinal de aprovação. Pois entenderam o que aquilo significava. Assim como suas vidas, que tinham sido queimadas e arrasadas pela guerra, aquela terra estava sendo. E assim como suas vidas, que depois de um longo tempo de aridez voltaram a ter esperança e sonhos, aquela terra iria voltar a ser uma floresta. O ponto mais importante da história é perceber que para a floresta crescer é necessário deixar a terra nua, **vazia**, não semear nada nela, para que ela seja um convite à sementes trazidas pelo vento e pelos pássaros.

As árvores não viriam se a terra fosse cultivada. “As sementes da vida nova não encontrarão nenhuma hospitalidade nem motivo para pousar aqui, a menos que a deixemos árida, que a deixemos nua para que uma floresta de sementes a considere hospitaleira” (Id., 1996, p. 46).

A floresta veio, germinou e cresceu na terra que um dia foi queimada. A autora diz que pode acompanhar todo este processo junto com seu tio. E que ele ficou tomado de alegria quando as árvores começaram a crescer, florescer e dar frutos. Segundo a autora o tema do milagre da vida que surge do terreno sem cultivo é antigo. Ele está presente no mito de Perséfone, a deusa virgem da terra, que foi capturada e mantida por muito tempo no mundo subterrâneo. Neste período, Gaia, sua mãe, que é o símbolo da terra, sentia tanto sua falta que se tornou árida. E a terra foi tomada por um inverno permanente, frio e estéril. Quando a filha, finalmente foi libertada do inferno “voltou para a terra com tanta alegria que cada passo do seu pé descalço que tocava o chão estéril fazia com que no mesmo instante uma faixa de verde e flores se espalhasse em todas as direções” (Id., 1996, p. 80).

Assim, a autora conclui, que as pessoas que por alguma razão estão descrentes na própria vida são aquelas que percebem a possibilidade de uma nova vida surgir em um campo nu, pois as sementes novas vão primeiro para os lugares mais abertos e vazios.

Desta forma, podemos perceber que ao relacionar a infertilidade com o vazio e com o buraco, Marcos trás um símbolo de esperança e potencialidade, um vir a ser. O vazio existe para ser preenchido, assim como o buraco. Marcos já passou pela queimada, e agora sua terra está árida, vazia, como um convite, esperando a semente próspera cair e germinar.

REFERÊNCIAS

ALBERT, S. *Infertilidade na relação conjugal – Uma pesquisa na abordagem junguiana utilizando a terapia breve com o sandplay*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – PUC-SP, São Paulo, SP, 2008.

APF, Associação Portuguesa de Fertilidade. Disponível em www.apfertilidade.org
Acesso: 21 de Maio de 2010.

BESTETI, N. D. *Relações Fraternas na Vida Adulta Tardia - Proximidade e distância ao longo do relacionamento de homens idosos com seus irmãos*. Iniciação Científica PIBIC – CNPq, PUC- SP, 2010.

BUCK, J. *H-T-P: casa-árvore-pessoas, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação*. São Paulo, Vetor, 2003.

BYINGTON, C. *Estrutura da personalidade Persona e sombra*. São Paulo, Ed. Ática, 1988.

CAMPOS, D. Técnica de aplicação do desenho para diagnóstico da personalidade e normas de interpretação. In: *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionários de símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CORRÊA, K. & Cols. Avaliação da eficácia adaptativa de mulheres e homens inseridos num programa de fertilização *in vitro*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 363-370, maio/ago. 2007.

DELGADO, M. *O desejo de ter um filho...vivências de um casal infértil*. Dissertação (Mestrado em comunicação em saúde), Universidade Aberta, Lisboa, 2007.

ESTÉS, C. P. *O jardineiro que tinha fé: uma fábula sobre o que não pode morrer nunca*. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

FARIA, D. *O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2003

FARINATI, D.; RIGONI, M.; MULLER, M. *Infertilidade: um novo campo da Psicologia da saúde*. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 23, n. 4, Dec. 2006 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2006000400011&lng=en&nrm=iso. Acesso: 25 de Agosto de 2010.

FURTH, G. *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana de cura pela arte*. São Paulo: Paulus, 2004.

GAMEIRO, S., SILVA, S. & CANAVARRO, M. A Experiência Masculina de Infertilidade e de Reprodução Medicamente Assistida. *Psicologia, saúde & doenças*, Coimbra, v. 9, n. 2, p 253-270, 2008.

HMSJ. Disponível em: www.reproducaohmsj.com.br/causas.html. Acesso: dia 24 de Junho de 2010.

JACOBI, J. *Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1986.

JUNG, C. G. A função transcendente In: JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*. O.C. 8, 2. Petrópolis: Vozes, 1984.

JUNG, C. G., Segunda conferência In: Fundamentos da psicologia analítica. O.C.XVIII/1, 12ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2004

JUNG, C. *Tipos psicológicos*. O.C. 6. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, C. *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, RJ, Nova Fronteira, 1993.

KOLCK, O. L. V. *Testes projetivos gráficos no diagnostico psicológico*. São Paulo, E.P.U, 1984.

LIMA, M. T. A . *Ser ou não ser: a experiência do homem nos cuidados dos filhos da companheira*. Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica), PUC-SP, 2003.

MACIEL JR., P. *Tornar-se Homem – o projeto masculino na perspectiva de gênero*. Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica), PUC-SP 2006. .

MIRANDA, F. A infertilidade feminina na pós-modernidade e seus reflexos na subjetividade de uma mulher. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 11, n. 18, p. 271-273, dez. 2005

MOREIRA, S.; LIMA, J.; SOUSA, M.; AZEVEDO, G. Estresse e função reprodutiva feminina. *Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.* [online]. 2005, vol.5, n.1, pp. 119-125.

MOTOOKA, R. Aspectos emocionais investigados na infertilidade através do método de Rorschach. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica), PUC-SP, 2008.

NASCIMENTO, F; TÉRZIS, A. Adiamento do projeto parental: um estudo psicanalítico com casais que enfrentam a esterilidade. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 103-124, abr. 2010

PENNA, E. M. D. *Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.

RAMOS, D. *A psique do coração*. São Paulo: Cultrix, 1995.

RAMOS, D. *A psique do corpo*. São Paulo: Cultrix, 2006.

RIBEIRO, M. *Infertilidade e reprodução assistida: desejando filhos na família contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Coleção Clínica Psicanalítica), 2004.

SBRH, Brasileira de Reprodução Humana. Disponível em www.sbrh.org.br/publicacoes/guideline_pdf/guideline_de_infertilidade_conjugal.pdf. Acesso: 26 de Maio de 2010.

SOUZA, S. *Expressão psicossomática na infertilidade conjugal: investigação dos processos de enfrentamento durante o diagnóstico*. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica), PUC-SP, 2005.

TRINDADE, Z.,; ENUMO,S. Triste e Incompleta: Uma Visão Feminina da Mulher Infértil. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642002000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso: 30 de Outubro de 2010

VILLEMOR-AMARAL, A.E.& WERLANG, B. S. G. (org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008.

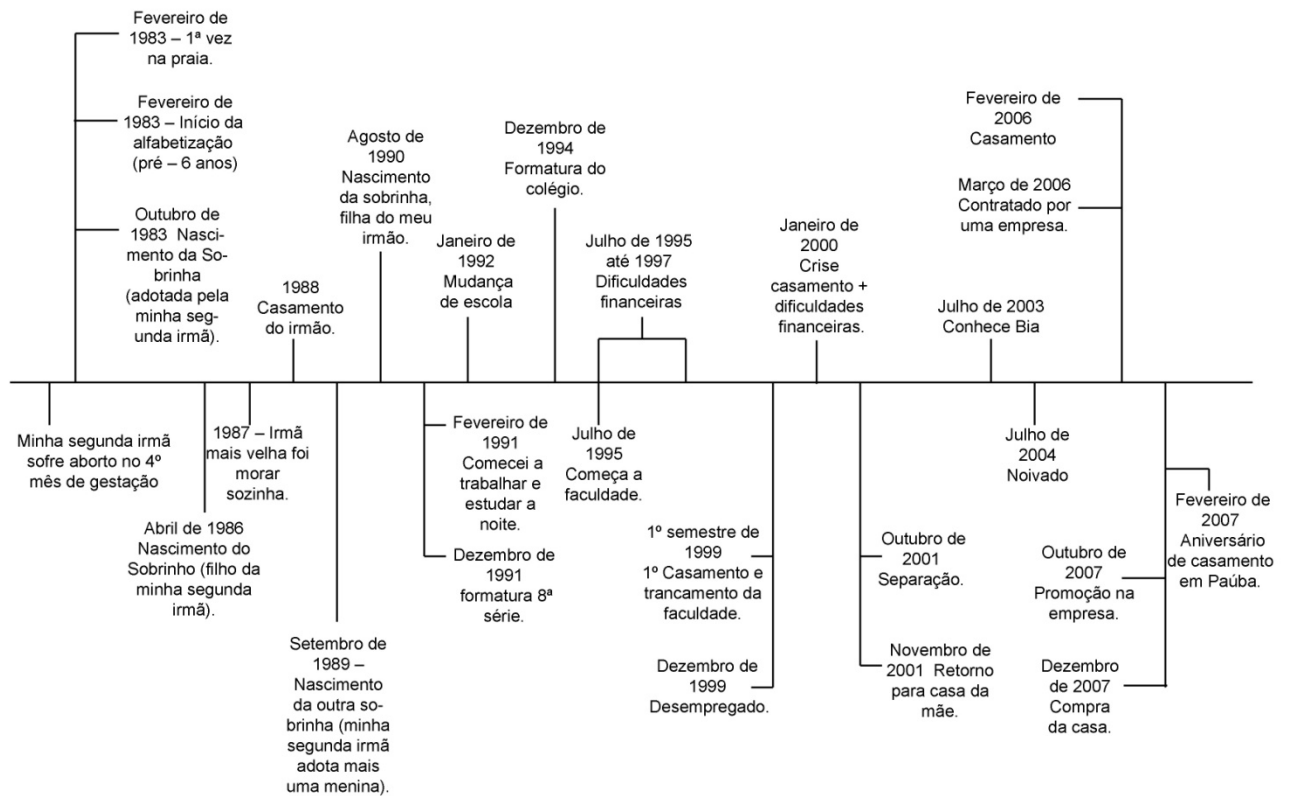
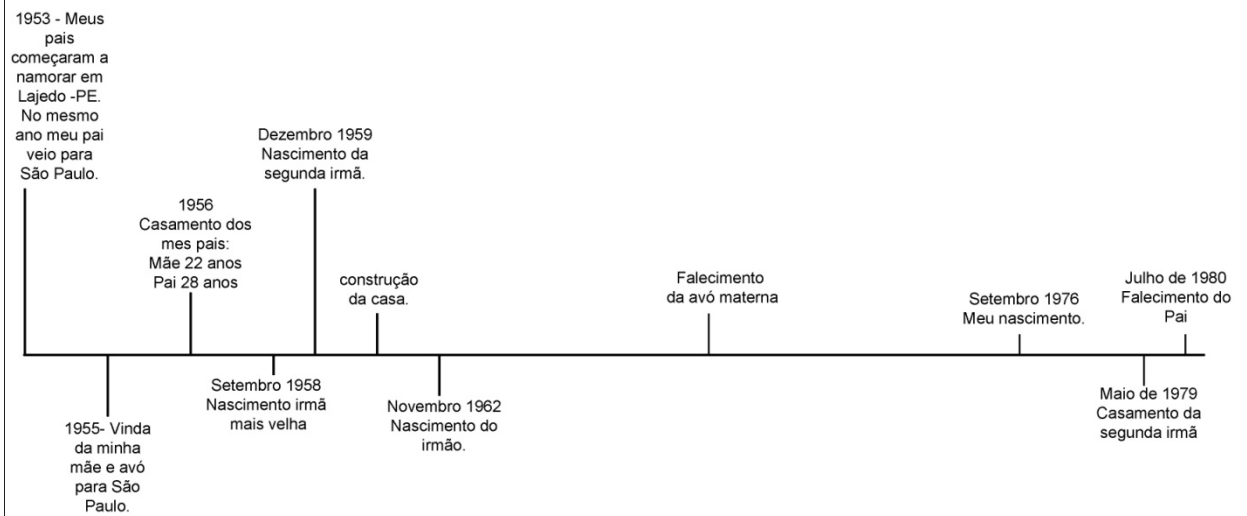
WHITMONT, E. C. *A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica*. São Paulo: Cultrix, 1998.

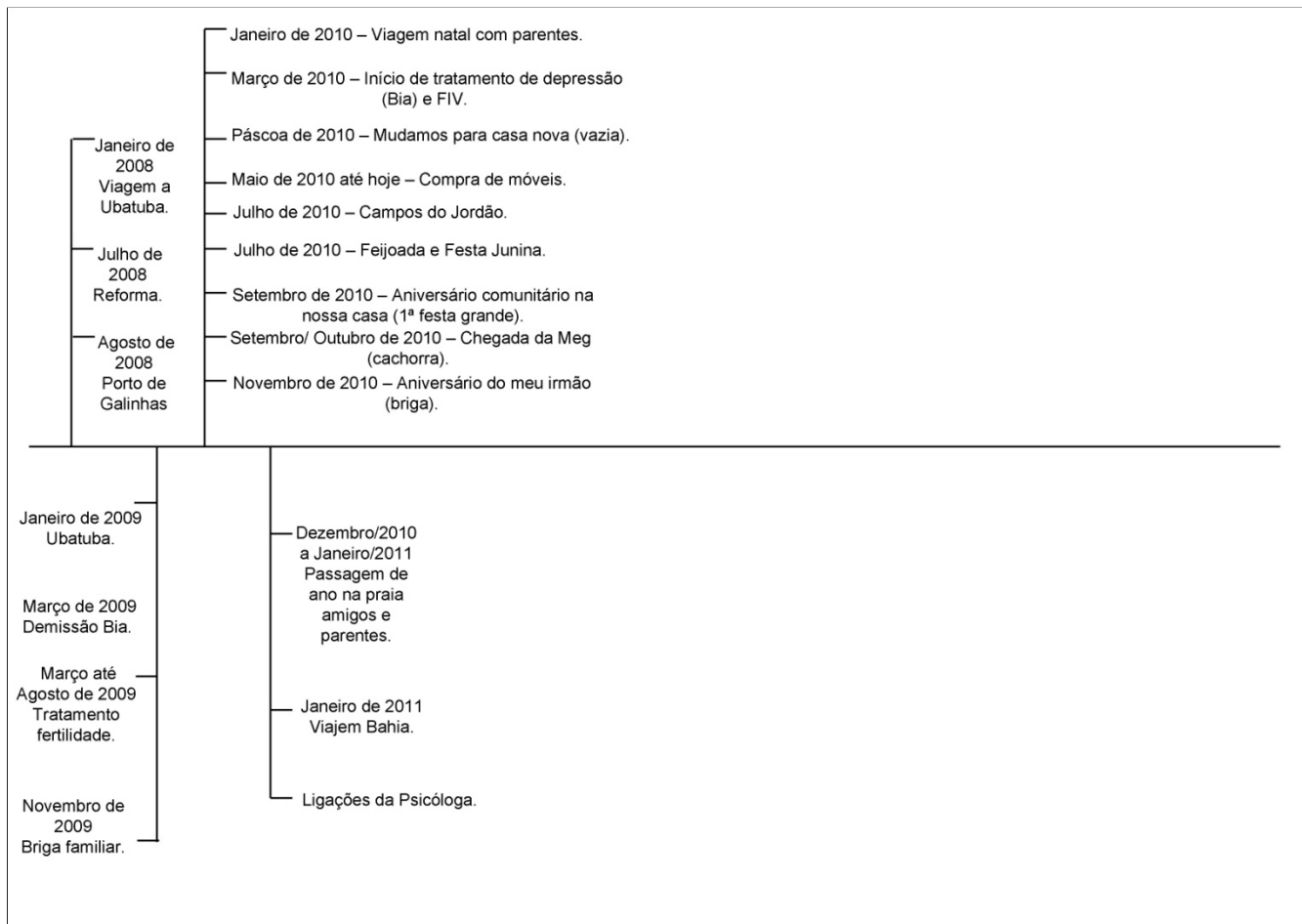
WHO. *Recent Advances in Medically Assisted Conception* (Vol. 820):World Health Organization Publ, 1992.

WHO. *Progress Report in Reproductive Health Research* (Vol. 23). Geneva, Switzerland, 2003.

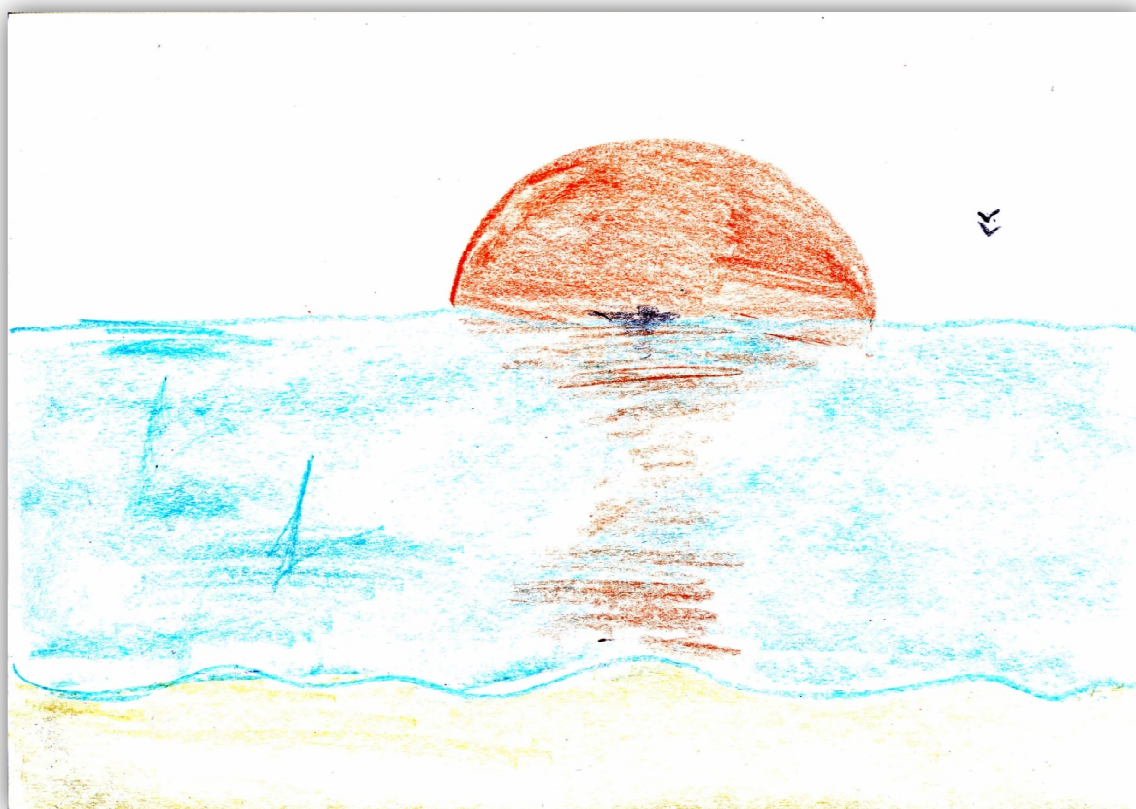
ANEXOS

Anexo A – LINHA DO TEMPO





Anexo B – DESENHO LIVRE



Anexo C – DESENHO DA ÁRVORE



Anexo D – DESENHO TEMÁTICO

